

Ministério

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Adventista



Calçando
o sapato
do jovem

ARTIGOS

3 QUEM RESSUSCITOU A JESUS?

Almir A. Fonseca

9 LUMEM 2.000: SAIBA O QUE É

Daniel Scarone

14 A HISTÓRIA DA GORDURA NA DIETA

J. A. Scharffenberg

21 CALÇANDO OS SAPATOS DO JOVEM

R. B. Ferret

26 O PASTOR COMO MEMBRO DA IGREJA

C. Mervyn Maxuell

Gerente Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Almir A. Fonseca; **Diretor de Arte:** Erlo Köhler; **Diagramação:** Josias A. Silva; **Colaborador Especial:** Amasias Justiniano, Jaime Castrejón; **Colaboradores:** Wilson Sarli, Jorge Burlandy, Jefte Carvalho, Adamôr Pimenta.
Capa: Leandro

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA devem ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 — 70279 — Brasília, DF. Editado bimestralmente pela CASA PUBLICADORA BRASILEIRA. Rodovia SP 127 — km 106 — Caixa Postal 34 — 18270 — Tatuí, SP.

Quem Ressuscitou a Jesus?

Existe o conceito de que Jesus operou a Sua própria ressurreição.

Pelo menos vinte e seis textos bíblicos dizem que foi Deus, o Pai, quem O ressuscitou. Este artigo analisa despretensiosamente esta questão.

As conferências do Pastor Enoch de Oliveira, na cidade do Recife, em 1956, estavam indo muito bem. Os milhares de convites que distribuíamos durante o dia, traziam para ouvir as palestras à noite centenas de pessoas. O salão do Sindicato dos Bancários, em frente ao suntuoso templo presbiteriano, muitas vezes não tinha espaço para tanta gente.

Certa noite, quando os temas das conferências já se encontravam em fase avançada, prevalecendo-se da permissão concedida ao auditório para fazer perguntas, um cidadão interrogou o conferencista, querendo saber se, ao morrer Jesus, a divindade morreu. Era a primeira vez que eu ouvia uma pergunta tão embaraçosa, embora tivesse acabado de receber o meu diploma de teologia.

Honestamente, depois de quase quarenta anos de feita a pergunta, já não seria capaz de lembrar com exatidão o que o talentoso orador respondeu. Mas deve ter satisfeito o interpelante; pois este, ao que me lembre, não insistiu no assunto.

Passados, contudo, trinta e cinco

anos, a pergunta do ouvinte continua a inquietar-me. Desde aquela ocasião, passei a indagar a mim mesmo a respeito de que aspecto da pessoa de Jesus teria morrido — Seu aspecto humano, divino, os dois ou ainda outro que porventura pudesse existir — e o que isto representava para minha necessidade de ser humano pecador. E tenho ficado com, no mínimo, uma forte impressão de que as Escrituras favorecem a idéia de que toda a pessoa de nosso amado Salvador foi envolvida na tarefa de resgatar-me; de que nada menos do que o Seu ser como um todo, bastaria para saldar a dívida por mim contraída. “O salário do pecado é a morte” (Rom. 6:23), e Ele provou essa morte em meu lugar.

Possuidor de idéias nitidamente protestantes, o autor da pergunta certamente não admitia o envolvimento de toda a pessoa de Cristo pela morte. Defensor de que existe no homem uma entidade que sobrevive à extinção da vida, não iria admitir que logo no caso de Cristo a situação pudesse ser diferente. E o seu ponto de vista acaba exercendo influência até sobre quem discorda dele em outros temas das Es-

Almir A. Fonseca
Redator de *O Ministério*

crituras. A preocupação de estar aceitando uma heresia, faz com que acabemos não desejando aprofundar-nos neste assunto. Se quisermos, porém, deter-nos, examinando-o, verificaremos que se trata de um dos temas que mais respaldo bíblico recebem.

O exame das declarações de Jesus

Podemos iniciar a investigação do envolvimento total de Jesus, por ocasião de Sua morte, observando o que se encontra em Suas próprias declarações. Talvez aquilo que temos usado para afirmar a exclusão de alguma parte de nosso Senhor ao morrer, seja precisamente o elemento que nos leve a pensar de maneira diferente.

Nas ocasiões em que procurou apresentar-Se semelhante a Deus, como em João 5:26, usou Jesus a palavra "vida" como elemento comum a Ele e a Seu Pai. "Porque assim como o Pai tem vida em Si mesmo", disse o Salvador, "também concedeu ao Filho ter vida em Si mesmo". Como o Pai, o Senhor Jesus declarou possuir vida própria, não derivada. Principalmente o evangelista João, ressalta esta característica de Cristo com muito empenho. Em inúmeras ocasiões, tanto o evangelho como as epístolas do escritor, põem em relevo essa característica do Filho de Deus.

Mas ao mesmo tempo que salienta o fato de ser Cristo possuidor de vida, como o é o Pai, o evangelista deixa margem para se crer que, no caso de Jesus, e por causa do plano da redenção, essa vida que Ele detinha era passível de morte. Assim, em João 10:17 e 18, declara Ele: "Por isso o Pai Me ama, porque Eu dou a Minha vida para a reasumir. Ninguém a tira de Mim; pelo contrário, Eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la. Este mandato recebi de Meu Pai."

Por duas vezes, nestes versos, usa Jesus a palavra "dar", e uma para a palavra "entregar". Não obstante Se opusesse a que alguém Lhe tirasse a vida, estava, contudo, disposto a entregá-la espontaneamente. De maneira que, o que entra em discussão é a entrega voluntária ou forçada da vida, e não o fato de poder esta ser eliminada. Discute-se a forma, e não a possibilidade da extinção da vida.

Alguém poderá opinar que Jesus não estava pretendendo salientar este aspecto de Sua vida, mas o de que Ele era dono da vida. A interpretação de um verso bíblico, procurando ressaltar o lado menos frisado, contudo, não é inusitada. São Mateus 10:28 é exemplo disto. O texto citado não discute se temos ou não alma, nem se esta é mortal ou imortal. Mas tem sido usado para mostrar que "se existe alma" esta é mortal; pois Jesus declara: "Temei antes Aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo." O que não parece preocupação do texto, acaba sendo o ponto relevante.

Na carta aos Efésios, o apóstolo Paulo segue esse tipo dedutivo de exegese; por sinal, ligado com a ressurreição de nosso Senhor. Depois de citar o Salmo 68:18, que fala de Jesus ter subido ao alto levando o cativo e concedendo dons aos homens (Efés. 4:8), pergunta ele: "Ora, que quer dizer subiu, senão que também havia descido até às regiões inferiores da terra?" (verso 9). Por dedução, que o texto realmente favorece, o apóstolo observa na palavra subir uma decorrência de ter descido, embora o salmista não diga isso expressamente.

Na linguagem bíblica, as palavras "dar a vida" ou "entregar-se" são usadas para se referir à morte de Cristo. Escrevendo aos romanos a respeito do papel que Cristo desempenhou, visando salvar a raça humana, o apóstolo Paulo declara: "O qual foi entregue por causa das nossas transgressões, e ressuscitou por causa da nossa justificação" (Rom. 4:25). Qualquer leitor das

Escrituras entende que a palavra “entregar-se”, referente a Cristo, neste e em outros textos bíblicos, está falando de Sua morte, em contraste com a palavra ressurreição.

O apóstolo usa esta palavra em outros lugares dos seus escritos. Ao enviar, por exemplo, suas saudações aos gálatas, ele as faz acompanhar das palavras: “O qual [Senhor Jesus Cristo] Se entregou a Si mesmo pelos nossos pecados, para nos desarraigar deste mundo perverso, segundo a vontade de nosso Deus e Pai” (Gál. 1:4). E o discípulo amado, salientando a maneira pela qual podemos conhecer o amor, diz: “Nisto conhecemos o amor, em que Cristo *deu* a Sua vida por nós” (I João 3:16, grifo suprido).

Quando Jesus afirma, portanto, que tem poder para dar ou entregar a Sua vida, está dizendo que esta vida que pode ser entregue, ainda que por Sua livre vontade, pode morrer. Não poderia “reavê-la” (João 10:18) se não a tivesse entregue antes, o que implica em morrer. De maneira que, em lugar de serem categóricas em afirmar que a divindade (se quisermos usar essa palavra em lugar de vida) não morreu, estes versos de João sugerem o oposto. O problema, repetimos, estava apenas em a vida ser tirada contra a vontade do seu dono, ou ser espontaneamente entregue; e não, em o seu possuidor ter ou não possibilidade de morrer.

A prerrogativa de nosso Senhor de poder entregar a vida, aqui salientada, está plenamente de acordo com o que escreve Paulo aos filipenses. Falando de Cristo, diz ele: “Pois Ele, subsistindo em forma de Deus não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes a Si mesmo Se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-Se em semelhança de homens; e... a Si mesmo Se humilhou, tornando-Se obediente até à morte, e morte de cruz” (Filip. 2:5-8).

Um resumo do conteúdo dos textos citados, portanto, permite-nos deduzir o seguinte: Jesus subsistia em forma de Deus, tendo entre outras caracterís-

ticas a de possuir vida em Si mesmo. Por vontade própria, contudo, esvaziou-Se temporariamente (Heb. 2:9) dessa prerrogativa, entregando-Se ou Se dando pelos nossos pecados. Ou seja, aquilo que tinha em igualdade com Seu Pai, esteve temporariamente morto. Por isso, escreve Paulo: “andai em amor, como também Cristo vos amou, e Se entregou a Si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus em aroma suave” (Efés. 5:2).

Deus ressuscitou a Cristo

Mas, se Jesus e tudo o que Lhe dizia respeito morreu, então quem ressuscitou a Cristo? perguntará alguém.

É bom lembrar que poucas doutrinas das Escrituras contam com tantos textos bíblicos a seu favor, como a doutrina de que Deus ressuscitou a Cristo. No mínimo 26 passagens do Novo Testamento declaram esta verdade. Mesmo assim, parecem não ser suficientes para que nos convençamos de que foi isso mesmo que aconteceu. Só no livro de Atos há doze vezes esta afirmação, seguindo-se a carta aos Romanos com cinco, I Coríntios com duas, II Coríntios e Gálatas com uma cada, duas em Efésios, uma em Colossenses e uma em I Tessalonicenses e, finalmente, uma em I Pedro. Em todos esses textos, os escritores são taxativos em afirmar que Deus ressuscitou a Jesus. Em nenhum deles insinuam, sequer, os autores, que Jesus ressuscitou a Si mesmo. E, para que não haja dúvida com respeito ao Deus a quem se referem, muitas vezes falam do Pai.

O assunto foi tratado com tanta seriedade, que o apóstolo Paulo chegou a considerar como motivo para serem taxados de caluniadores de Deus, o fato de eles declararem que Deus havia ressuscitado a Cristo, caso Ele realmente não houvesse feito isto. “E, se

Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação”, diz ele, “e vã a vossa fé; e somos tidos por falsas testemunhas de Deus, porque temos asseverado contra Deus que Ele ressuscitou a Cristo, ao qual Ele não ressuscitou, se é certo que os mortos não ressuscitam” (I Cor. 15: 14 e 15).

O apóstolo e seus contemporâneos que tiveram o privilégio de ver a Cristo depois da ressurreição, “asseveravam” que Deus ressuscitou a Jesus. Se, portanto, tal asseveração pudesse ser de alguma forma negada, fatalmente passariam a ser considerados como falsas testemunhas de Deus. Estariam afirmando algo em nome de Deus, que Ele não havia feito. Paulo, contudo, bem como seus companheiros, estavam certos do que asseveravam ao povo.

A primeira pessoa a pregar a ressurreição, de acordo com o livro de Atos, foi o apóstolo Pedro, por ocasião do Pentecostes. Em seu discurso aos perplexos israelitas naquele dia de efusão do Espírito Santo, citou primeiramente a profecia de Joel e, em seguida, o salmo dezesseis. Nesse salmo, explicou, Davi não se referia a si mesmo, quando afirmou: “Não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o Teu Santo veja corrupção” (Atos 2:31), mas a Cristo; e acrescentou: “A este Jesus Deus ressuscitou, de que todos nós somos testemunhas” (Atos 2:32). Pedro repetia agora as palavras que, por inspiração, Davi havia pronunciado vários séculos antes: “Não deixarás a minha alma na morte”. Alguém estaria responsável por tirar da morte o Santo Filho de Deus, e este era o Seu próprio Pai. Pedro era testemunha disso.

Com a mesma convicção de Pedro, o apóstolo Paulo se dirigiu mais tarde aos ouvintes da sinagoga de Antioquia da Pisídia. Como seu colega de apóstolado, citou também o salmo dezesseis, dando-lhe a mesma interpretação. Concluiu com a declaração: “Porém, Aquele a quem Deus ressuscitou, não viu corrupção” (Atos 13:37).

Afirmações curiosas

Um texto bastante curioso é Salmo 2:7. Ele aparece pelo menos mais três vezes no Novo Testamento. Duas vezes na Epístola aos Hebreus e uma no livro de Atos. Paulo cita esse verso em Atos, no contexto da ressurreição. Diz ele: “Nós vos anunciamos o evangelho da promessa feita a nossos pais, como Deus a cumpriu plenamente a nós, Seus filhos, ressuscitando a Jesus, como também está escrito no salmo segundo: Tu és Meu Filho, Eu hoje Te gerei” (Atos 13:32-34).

Os comentaristas admitem que as palavras do salmo em questão estejam ligadas à ressurreição de Jesus. Mas sequer as relacionam com o fato de que elas possam estar tratando do ato divino de devolver a vida a Cristo. Parecem pensar na ressurreição depois da tumba, e não enquanto aquela se processava no interior desta. Ao citar o salmo, porém, Paulo dá a impressão de estar presenciando o ato de Deus de dar vida, de trazer à existência. Aquele que no passado já existia, pelo fato de ser um com Deus, estava *hoje* dependendo do Pai para Lhe devolver aquilo que Ele havia depositado em Suas mãos na cruz do Calvário. Nela, o Salvador exclamou: “Pai, nas Tuas mãos entrego o Meu espírito” (Luc. 23:46), e adormeceu até ser despertado na manhã da ressurreição.

Paulo declara que o poder exercido por Deus para ressuscitar a Cristo, e o que Ele usa para dar vida espiritual ao ser humano caído, são o mesmo. Na carta aos Efésios, ele fala da “eficácia da força do Seu poder (de Deus); o qual exerceu Ele em Cristo, ressuscitando-O dentre os mortos, e fazendo-O sentar à Sua direita nos lugares celestiais” (cap. 1:19 e 20). Em seguida, revela aos efésios: “E estando nós mortos em nossos delitos, nos deu vida juntamente com Cristo, — pela graça sois salvos,

e juntamente com Ele nos ressuscitou e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus” (Efés. 2:5 e 6).

É interessante verificarmos que, de acordo com Paulo, na carta aos Efésios, o que acontece conosco em sentido espiritual, ocorre “em Cristo”, isto é, em Sua pessoa; o que aconteceu com Cristo se passou com a própria pessoa dEle. Isto é, recebemos vida espiritual nEle, porque Ele recebeu vida no sentido literal. Podemos assentar-nos “nos lugares celestiais em Cristo Jesus”, porque Ele ali está assentado. E temos vida nEle, figurativamente, porque Ele a recebeu de fato. E isto aconteceu porque Deus usou a “eficácia da força do Seu poder... ressuscitando-O dentre os mortos”.

Um com o Pai após a ressurreição

Ao pensarmos que foi Deus quem ressuscitou a Jesus, e não Cristo quem ressuscitou a Si mesmo, poderemos ser levados a perguntar se isto não deixaria nosso Senhor numa posição de inferioridade em relação a Seu Pai. Poderia Ele ainda afirmar, depois da ressurreição, que era “um” com o Pai?

Embora essa preocupação seja admissível, as Escrituras deixam claro que podemos tranquilizar-nos a seu respeito. Certamente os apóstolos, da mesma forma que nós, viram-se diante dessa hipótese. Contudo, em nenhum momento falaram sobre ela, pois a convicção que tinham, de que nosso Senhor reassumiu a posição que tinha na eternidade, era absoluta.

Depois de falar aos israelitas sobre “este Jesus [que] Deus ressuscitou” (Atos 2:32), o apóstolo Pedro trata imediatamente da exaltação de Cristo, nos seguintes termos: “Exaltado, pois, à destra de Deus, ... derramou isto que vedes e ouvis” (verso 33). Para o apóstolo, o derramamento do Espírito San-

to era a comprovação de que Cristo havia voltado ao Céu, e de que fora “exaltado à destra de Deus”. Não havia, na mente de Pedro, lugar para supor que Jesus sofrera alguma diminuição de poder. Para ele, houve exaltação.

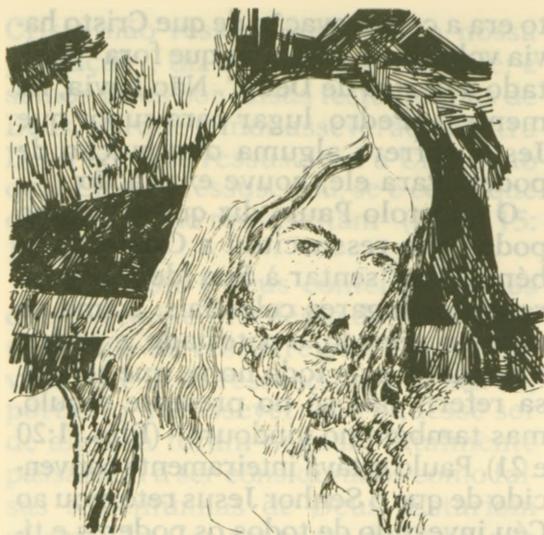
O apóstolo Paulo diz que o mesmo poder que ressuscitou a Cristo, também O fez “sentar à Sua [de Deus] direita nos lugares celestiais, acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir não só no presente século, mas também no vindouro” (Efés. 1:20 e 21). Paulo estava inteiramente convencido de que o Senhor Jesus retornou ao Céu investido de todos os poderes e títulos que O nivelavam com o Pai. Todo nome e posição que alguém tenha ou venha a ter no futuro, estará aquém, em importância, do nome que nosso Salvador recebeu ao retornar ao Céu.

Ao salientar a importância de Jesus sobre os anjos, o escritor da carta aos Hebreus fala primeiramente da inversão que houve nessa posição, “por um pouco” (Heb. 2:7), para em seguida falar da exaltação de nosso Senhor. “De glória e de honra O coroaste”, diz o escritor, citando o Salmo oito.

Dessa maneira, os escritores, tanto do Antigo como do Novo Testamento, que falam sobre a ressurreição de Cristo, longe de revelar qualquer dúvida quanto à divindade de Jesus após deixar Ele a sepultura, são unânimes em proclamá-la. Todos eles afirmam que nosso Senhor voltou glorificado à posição que ocupava nos tempos eternos (João 17:5).

O homem e os anjos não poderiam

Volto ao que foi dito no começo. Não posso entender que Jesus não Se tenha entregue como um todo. Minha salvação correria perigo, caso não tivesse Ele aberto mão da Sua igualda-



de com Deus, por algumas horas, para voltar da sepultura trazendo as chaves da morte. Ninguém menos que Ele seria capaz de realizar tão grande feito.

A grande pergunta que continua sem resposta é: “Que daria um homem em troca de sua alma?” (Marcos 8:37). Não há lado para onde se volte, em que encontre o homem solução para o seu problema. Todos os recursos de que tente valer-se para salvar-se, a não ser Cristo, são sem valor. Mesmo que pudesse chegar ao mais elevado grau de perfeição, depois de ter sofrido a experiência do pecado, não poderia salvar a si mesmo.

Os anjos, tampouco, poderiam ocupar a posição de salvadores. Embora pudessem vir a ocupar importantes funções no plano da redenção, não poderiam salvar o homem por meio da entrega da própria vida. Ellen White refere-se a esta impossibilidade, dizendo: “Os anjos prostraram-se aos pés de seu Comandante, e ofereceram-se para serem sacrifício para o homem. Mas a vida de um anjo não poderia pagar a dívida; apenas Aquele que criara o homem tinha poder para o redimir.” — *Patriarcas e Profetas*, pág. 59. E declara no livro *Primeiros Escritos*, pág. 150: “Os anjos prostraram-se diante dEle. Ofereceram suas vidas. Jesus lhes disse que pela Sua morte salvaria a muitos; que a vida de um anjo não pode-

ria pagar a dívida. Sua vida unicamente poderia ser aceita por Seu Pai como resgate pelo homem.”

A citação seguinte parece deixar ainda mais definida a questão de não poderem os anjos ocupar a função de salvadores, entregando a vida em favor do homem. Diz Ellen White: “Os anjos estavam tão interessados na salvação do homem que se podiam encontrar entre eles os que deixariam sua glória e dariam a vida pelo homem que ia perecer. Mas, disse o anjo, isto nada adiantaria. A transgressão era tão grande que a vida de um anjo não pagaria a dívida. Nada a não ser a morte e intercessão de Seu Filho pagaria essa dívida, e salvaria o homem perdido da tristeza e miséria sem esperanças” — *Idem*, págs. 151 e 152.

Vê-se, portanto, que a questão não era o fato de não haver quem se pronunciasse a morrer em lugar do homem, nem o grau de santidade daqueles que a isso se dispunham — os anjos são seres perfeitos — mas o motivo de não terem esses entes perfeitos criado o homem. Em outras palavras, o fato de não serem deuses.

Quando, “cheio do Espírito Santo” (Atos 4:8), Pedro declarou que “abaixo do Céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (verso 12), estava convencido do que dizia. Sabia que não bastava ter alcançado a perfeição, para ser salvador; era preciso ser divino; era preciso ter criado o homem. Não bastava ter vida; era preciso ser Deus — e não ter insistido em sê-lo por algumas horas!

O apóstolo Paulo deu um sentido vital ao fato de Deus ter ressuscitado a Cristo, quando escreveu aos romanos. Em Romanos 10:9, declarou ele: “Se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus O ressuscitou dentre os mortos, serás salvo.” É condição para sermos salvos, afirma o autor de Romanos, que creiamos em que Deus ressuscitou a Jesus. Cremos assim?

Lumen 2.000: Saiba o que é

A década de 90 será uma época de projeção para a Igreja Católica, que se prepara para comemorar seus 500 anos na América com um programa de evangelização em grande escala.

O autor nos oferece um panorama geral sobre este projeto católico para a América Latina.

É uma realidade que a Igreja Católica, uma espécie de monarquia com fundamento teocrático, influi grandemente no campo ideológico latino-americano e na estruturação de atitudes políticas, sociais e culturais, graças a sua mediação religiosa.

Embora não seja possível ignorar que na Europa a Igreja Católica perdeu, em certa medida, o poder totalitário que a caracterizou no passado, e se bem que na Ásia ela tenha uma boa representação, tropeça nos mesmos problemas culturais e religiosos que as igrejas evangélicas. Na África, a Igreja Católica tem uma representação importante, mas o sincretismo golpeou sua identidade. E sua presença nos setores do mundo islâmico é pobre. Não obstante, há um bastião, uma região em que ela resiste perder o seu poder — a América.

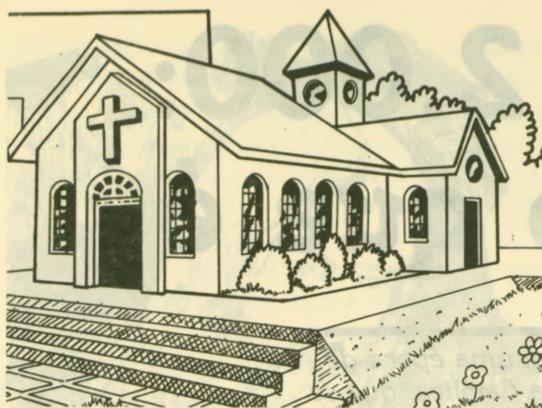
No atual pontificado de João Paulo II, a Igreja busca recuperar o seu pa-

pel hegemônico no panorama geopolítico internacional, aliando-se por um lado com uma visão de “cultura ocidental cristã”, e, por outro, procurando conquistar de forma autoritária os vários segmentos da opinião pública.

Um autor contemporâneo, Paulo Richard, resume na expressão “neconservadorismo progressista” a postura sociopolítica do atual governo central da igreja. Essa posição se caracteriza por uma abertura para as reformas sociais, políticas, econômicas e culturais no plano dos discursos e dos documentos, seguida, paralelamente, por uma manutenção do esquema de relação amizade-domínio entre a igreja e os poderes ou governos de turno no poder.

Com a diminuição das tensões internacionais manifestadas com o desaparecimento da guerra fria (tensões recentemente reativadas com a Guerra do Golfo, da qual a igreja sai com uma imagem de quase neutra pacificação)

Prof. Daniel Scarone
Universidade Adventista da Colômbia



a crise dos outrora chamados países socialistas — agora democráticos e ainda em processo de desenvolvimento — que lançou por terra o comunismo, o campo psicossocial passou a desempenhar um papel de primordial importância na política mundial. Nesse campo, o psicossocial, as comunicações ocupam um lugar de especial importância. As decisões, em todos os níveis, passam a ser cada vez mais mediadas pela indústria da comunicação. Temos observado isto recentemente em toda a América Latina nos estudos profundos, feitos no campo da comunicação em favor das diversas campanhas presidenciais. A televisão, em todos estes casos, transformou-se na principal fonte de critério, e a imagem — isto é, a aparência de um indivíduo, tornou-se mais importante do que a consideração de seu programa de governo — se transformou no elemento determinante do voto da maioria dos eleitores.

Por essa razão, a igreja lançou o projeto E2000 ou L2000, pois é uma peça importante na luta ideológica em âmbito internacional, na medida em que busque conquistar espaços na reedição modernizada de um modelo de igreja baseado na restauração, e útil, dessa maneira, para a reprodução de um modelo sociopolítico-econômico. Por outro lado, a promoção de uma religião intimista, individualista e promotora de uma suposta “harmonia” entre as classes sociais significa, objetivamente, tomar partido nessa luta ideológica.

E o modelo que põe em relevo o pro-

grama da igreja é centralizador, verticalista, autoritário e eurocêntrico. É verdade que a autoridade que governa o catolicismo tem um poder que gira em torno de um complexo mecanismo de auto-sustentação.

O enfoque teológico e pastoral

Em termos históricos, o programa E2000 ou L2000 age como se não houvesse existido nenhum programa anterior de evangelização. É como se estivessem começando do zero.

O financiamento. — O acesso às novas tecnologias da comunicação implica, necessariamente, o ingresso nos recursos financeiros. Isto requer uma inversão muito elevada. As organizações populares, as entidades não governamentais católicas, as igrejas, não contam com o dinheiro necessário para levar avante tal programa. Contudo, há grandes empresas e algumas companhias transacionais que estão empenhadas no financiamento do objetivo.

O contexto do projeto. — O programa Evangelizador L2000 insere-se no contexto do pontificado de João Paulo II, autor principal de um processo definido pelo cardeal Joseph Ratzinger como de “restauração”. Não é um retorno ao passado, mas o estabelecimento de um “novo equilíbrio” na igreja, que começava a perder autoridade diante das chamadas “comunidades eclesiais de base”, de acentuada influência em certos setores da igreja latino-americana, inspiradas na teologia da libertação.

Entre os protagonistas desse novo processo, que já têm seu tempo dentro da igreja, destacam-se: 1) o setor polonês (indicado pelo papa e seus auxiliares imediatos), 2) o setor alemão, que interiormente se convencionou chamar *Deutsche Kirche*, com a liderança de Joseph Ratzinger e 3) um setor que poderíamos classificar como o dos novos

movimentos, o Movimento de Renovação Carismática Católica, Comum e Libertação, Ação Mariana de Schoenstatt, a Comunidade Emanuel e algumas outras que obtiveram espaços significativos nos últimos anos. É preciso reconhecer que muitos desses movimentos se acham respaldados por manifestações católicas mais antigas, como, por exemplo, o Opus Dei.

Objetivos gerais do processo

Destacam-se vários. Entre eles: 1) o restabelecimento de uma regra de fé, de um catecismo universal; 2) a definição de uma identidade para as universidades e institutos católicos de educação; 3) a recuperação do sistema tradicional de formação dos seminaristas, afastando-os da teologia da libertação; 4) a subdivisão de arquidioceses ou dioceses que permitem que os setores mais conservadores recuperem espaços de poder, 5) um controle na leitura popular da Bíblia, com restrições a certas iniciativas ecumênicas, 6) uma ofensiva interna contra as comunidades eclesiais de base, 7) um reenquadramento ideológico dos religiosos, 8) um maior realce aos movimentos neo-conservadores, determinado por uma religiosidade intimista separada das questões sociais, 9) um maior controle com respeito à atividade teológica — e esta tem sido uma época marcada por muitos processos contra teólogos — 10) o fortalecimento de um discurso sobre a “terceira via” — o papa atual em mais de uma ocasião tem assumido a posição de que é necessário evitar a ascensão ao poder, de regimes de esquerda — 11) um controle mais estrito sobre as diversas aberturas no campo ético ou da teologia moral, 12) um apoio mais acentuado ao sindicalismo que se orienta na direção da social democracia. Tal é o caso da CLAT, a Central

Latino-Americana de Trabalhadores, que desempenha uma série de atividades com o CELAM (Conferência Episcopal Latino-Americana); 13) e uma revisão do ecumenismo com o qual se adotam critérios mais defensivos.

O plano em seu contexto mais amplo

Como têm salientado muitos estudiosos, o governo da Igreja está na Europa, mas sua estrutura mais importante está no Terceiro Mundo e, mais especificamente, na América Latina. E a Igreja não pretende perder sua identidade. O protestantismo na América tende a africanizar-se cada vez mais, processo do qual não está isento o catolicismo. E o Vaticano percebeu que seu controle central foi posto em xeque pelas conseqüências descentralizadoras impulsionadas pela Teologia da Libertação, pelo trabalho das comunidades eclesiais de base e pela leitura latino-americana da Bíblia.

Por outro lado, os novos movimentos religiosos encontram na América Latina uma cultura muito singular e aberta ao seu desenvolvimento. Eis a razão por que utilizam métodos mais agressivos de sua difusão religiosa. Na maioria dos casos, esses novos movimentos religiosos favorecem uma religiosidade conservadora e antiecumênica. E a igreja começou a preocupar-se com a possível perda de sua tradicional freguesia. Em certa medida, o contra-ataque católico adota as mesmas vias de expansão: os meios de comunicação de massa.

Aspecto histórico do L2000

Os documentos internos de E2000/L2000, indicam que a década

1980-1990 é “motivadora” e preparatória para a de 1990-2000, quando serão implementados propriamente os programas. Evangelização 2000, segundo os documentos de seus dirigentes, é mais amplo e abarcante do que Lumen 2000, pois este é o segmento que afeta os meios de comunicação. O papa João Paulo II lançou para 1984 uma campanha de “nova evangelização” orientada até o ano 2000, nos moldes de uma reconquista para Cristo.

Numa primeira etapa da década “motivadora” (1980-1990), os movimentos Comunhão e Libertação, Ação Mariana de Schoenstatt e Renovação Carismática e Luigi Giussani de Comunhão e Libertação escreveram ao papa e sugeriram a realização de uma “década de Evangelização”. João Paulo II não só atendeu à sugestão, mas os convidou especialmente para almoçar no Vaticano e solicitou um plano mais detalhado. Assim que recebeu o novo documento, tornou a convidá-los para almoçar em Castel Gandolfo. Finalmente, aprovou pessoalmente os três primeiros passos do documento original: 1) a fundação de uma Associação Católica para a Televisão, com o nome de Lumen 2000; 2) a realização de um retiro mundial de sacerdotes (já foram realizados vários no Vaticano) e 3) o preparo de um retiro mundial destinado a teólogos e bispos.

O papa autorizou também a abertura de escritórios de E2000 e L2000 no Vaticano. Na inauguração desses escritórios, em 3 de julho de 1987, estiveram presentes o arcebispo filipino José Sánchez, secretário da Congregação para a Evangelização dos Povos, Madre Tereza de Calcutá, o embaixador dos Estados Unidos na Santa Sé, Frank Shakespeare, os empresários Paul Distric de Global Midia, Califórnia, e Piet Derksen, da Holanda. Derksen é um empresário na área de turismo e moda, originador e presidente da fundação Testemunhas do Amor de Deus, em Eindhoven, Holanda.

A primeira grande experiência de

Lumen 2000 foi a emissão televisiva do rosário recitado pelo papa no dia 6 de junho de 1987, transmitida do Vaticano para Londres e daí para todo o mundo através de 18 satélites. Nessa ocasião foi também integrada uma rede de telecomunicações das Forças Armadas norte-americanas. Madre Tereza presidiu a recepção do rosário na Polônia, enquanto Corazón Aquino fez a mesma coisa nas Filipinas. No Brasil, a cerimônia foi realizada no santuário da Penha, no Rio de Janeiro. O programa foi patrocinado pela Global Midia e pela Bic Pen Corporation.

Objetivos específicos

Sete têm sido os objetivos traçados para a L2000, pelos movimentos fundadores: 1) ajudar a Igreja Católica a alcançar um nível profissional na produção de programas de rádio e de televisão, que lhe permita competir com êxito com os principais meios de comunicação; 2) promover o preparo adequado dos meios de comunicação social, sobretudo o relacionado com as novas tecnologias de comunicação; 3) orientar-se, especialmente, quanto ao terceiro mundo; 4) servir como centro de informação e intercâmbio de experiência em matéria de cultura e religião; 5) distribuir programas: vender, alugar e doar vídeos, sobretudo com a palavra papa; 6) promover e patrocinar a produção e transmissão de eventos católicos importantes; 7) organizar uma filmoteca.

Esses objetivos foram particularizados na conferência de Dallas, Texas, realizada entre 23 e 28 de abril de 1987, com a presença de 74 delegados de 40 países, entre os quais do bloco socialista, como eram chamados na ocasião. O coordenador da conferência foi um ex-coronel da Força Aérea dos Estados Unidos, Robert Cavnar, um estrategista que participou da produção do famo-

so avião supersônico U-2 e de mísseis balísticos intercontinentais. Cavarner lidera uma comunidade carismática no Texas e em 1989 era o coordenador da Lumen 2000 nos Estados Unidos.

Interesse da Igreja na Lumen 2000

Um dos aspectos importantes da E2000 é a convergência em torno desses programas, embora os interesses e objetivos pertençam a campos bem diversos. Não obstante, podem ser destacados os seguintes pontos de interesse:

Para o Vaticano. — No que tange ao papa, às congregações, ao partido polonês e aos movimentos da Deutsche Kirche, os objetivos seriam: 1) Recuperar o tempo perdido pela Igreja em sua tarefa evangelizadora, orientando seu trabalho mediante as grandes vias de comunicação, especialmente a televisão. 2) Evitar a evasão crescente de católicos dos setores populares da América Latina, dirigidos para os novos movimentos religiosos, 3) Promover um avivamento na fé e prática dos católicos.

Dentro dessa visão, destacam-se certos objetivos implícitos, que seriam: 1) reforçar o modelo eclesial baseado no verticalismo, 2) oferecer uma alternativa à decadente Teologia da Libertação, 3) fortalecer a imagem pontifícia diante dos representantes das grandes potências mundiais, 4) reforçar, expandir e consolidar por meio da L2000 a rede de telecomunicações do Vaticano, 5) servir como meio de colaboração ao mundo, especialmente, no aspecto da comunicação.

Para os grandes centros de comunicação. — Os objetivos explícitos para alguns dos setores envolvidos, são muito claros: 1) obter uma legitimação da igreja e contar com a simpatia entre seus dirigentes, concedendo-lhes espaços para as missas e sermões domini-

cais, para os programas religiosos semanais e para determinadas reportagens.

Para a Conferência Episcopal Latino-Americana (CELAM). — Entre os objetivos fundamentais, destaca-se o da utilização de novas metodologias e, naturalmente, o domínio das mais avançadas técnicas de comunicação para a América Latina na transição do século. Fortalecer o trabalho da CELAM nas conferências episcopais da América Latina, colaborando com o ministério comunicador do papa e combater, por meio da mensagem na tela, a aparição dos novos movimentos religiosos.

Quais seriam as principais atividades da E2000?

Podemos destacar vários dos projetos em plena fase de realização e outros ainda em planificação; seriam os seguintes: Escolas de evangelização; o próprio programa L2000; retiros mundiais para sacerdotes, teólogos e bispos; jornadas de oração; a publicação de um boletim internacional; a organização de equipes itinerantes de evangelização; a implantação de centros juvenis; a impressão de homilias para tipos diversos de pregadores e a impressão de documentos sobre evangelização.

Conclusão

Em bem pouco tempo, começaremos a ver de maneira clara os efeitos desse projeto evangelizador católico, realizado com toda a sua força na América Latina, no transcurso da última década deste século e deste milênio.

A História da Gordura na Dieta

Devemos eliminar a gordura do regime alimentar?

No começo Deus declarou como sendo boa para alimento uma grande variedade de frutas, cereais, nozes, sementes e verduras (Gên. 1:29; 3:18). Mais tarde, foi permitida a carne de animais “limpos”, desde que sem gordura e sangue (Gên. 9:34; Atos 15:28 e 29; Lev. 3:17; cf. Levítico 11; Gênesis 7-9).

“Deus está trabalhando em favor de Seu povo”, escreveu Ellen G. White. “Não deseja que fiquem sem recursos. Ele está levando-os de volta ao regime originalmente dado ao homem. Esse regime deve consistir em alimentos feitos do material que Ele proveu. O material usado para esses alimentos deve ser principalmente frutas, cereais e nozes, mas várias raízes também poderão ser usadas.” — *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, págs. 81 e 82.

Alguns têm interpretado mal esta passagem ao defenderem um regime alimentar desprovido de quaisquer alimentos refinados ou de gorduras tais como os óleos, manteiga ou margarina. Embora o regime alimentar original fosse vegetariano e não contivesse nenhuma gordura animal, ele não era necessariamente pobre em gordura.

Para evitar confusão sobre o assunto, Ellen White explica o que ela preten-

dia dizer: “repetidamente tem-se-me mostrado que Deus está trazendo de volta o Seu povo ao desígnio original, isto é, que ele não dependia da carne de animais mortos.”² (pág. 82). A expressão “desígnio original” refere-se apenas a um regime alimentar sem carne.

Deus multiplicou o azeite destinado ao pão de uma viúva, seu filho e seus hóspedes. Ele multiplicou o azeite em outra ocasião, indubitavelmente para alimento, bem como para outras finalidades (I Reis 17; II Reis 4). Ele deu a Israel azeite tirado da pederneira (Deut. 32:13). O sabor do maná se parecia com o de bolos amassados com azeite (Núm. 11:8). A Bíblia ordena ainda o uso de azeite em bolos amassados, espalhado sobre os produtos de farinha, ou para fritura (Êxo. 29:2; Lev. 2).

Embora a própria Ellen White usasse óleo, ela falou contra o uso de *gordura*. O *Dicionário de Webster* de 1877, define esta palavra claramente como se referindo à gordura de animais, especialmente animais terrestres. Uma nota editorial em *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, refere-se à definição de *gordura* dada por Webster como gordura animal (pág. 353).³

Obviamente, Ellen White não incluiu a manteiga na palavra *gordura*, quan-

J. A. Scharffenberg
Diretor do Centro Educativo de Saúde
do Pacífico, Bakersfield, Califórnia

do a usou. Ela fala da batata frita como sendo imprópria para a saúde por causa do uso de "gordura" ou "manteiga" no seu preparo. Por que mencionar a manteiga separadamente, se esta estivesse incluída na palavra *gordura*? Além disso, ela usou manteiga para cozinhar suas verduras⁴ (*Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, pág. 488) depois dessa vigorosa declaração contra a gordura.

É errada a concepção de que os óleos refinados aumentam o risco de ataque cardíaco. A enfermidade das coronárias pode ser o resultado da falta de ácido linoléico, encontrado em grande quantidade em muitos óleos vegetais. O aumento de ácido linoléico no regime alimentar diminui o risco de ataque cardíaco.

Na realidade, um pouco de óleo no regime alimentar diminui o colesterol do sangue, ao contrário de não usar nenhum óleo. Ele contribui também para abaixar a pressão sanguínea e ainda aumentar a contratilidade do músculo cardíaco. O ácido linoléico, um ácido gorduroso que se encontra em grandes quantidades no azeite de oliva, ajuda a diminuir o perigo de coágulo na corrente sanguínea. A arteriosclerose pode ser revertida em macacos, removendo-se o colesterol do regime alimentar, quando o óleo de milho supre até 40 por cento da dieta. Quando macacos que estão com 65 por cento de oclusão das artérias coronárias são submetidos a um regime alimentar com 40% de óleo de milho, a oclusão diminui rapidamente para apenas 25 por cento.⁵

O óleo de milho, com seu grande conteúdo de ácido linoléico — o ácido gorduroso mais importante e essencial — torna o colesterol seroso mais reduzido, do que um regime alimentar extremo, sem nenhum óleo ou pobre em gordura. Ratos aos quais foi ministrada uma solução de sal de 1 1/2 por cento para beberem água, sofreram de hipertensão dentro de duas semanas, com uma dieta de ácido linoléico de 2 por

cento, mas não se tornaram hipertensos com um regime alimentar que incluía 22 por cento de ácido linoléico.⁷

Diferença de óleos

Há grande diferença entre os óleos. Eles podem conter desde 1 a 11 mg. de gordura saturada por colher de sopa. Aqueles que contêm quantidades elevadas de ácidos gordurosos poliinsaturados (açafraão, girassol, milho) ajudam a diminuir o colesterol do sangue. Os que contêm quantidades elevadas de gordura saturada, como a gordura de coco, tendem a elevar o colesterol sanguíneo, especialmente em pessoas que consomem consideráveis quantidades de colesterol em seu regime alimentar.

Um regime alimentar em que se faz uso elevado de óleo de oliva tem índice de mortalidade por doença das coronárias extremamente baixo.⁸ O óleo de oliva contém 76 por cento de ácido linoléico, um ácido gorduroso não saturado. Alguns têm atribuído ao alto nível de ácido oléico o efeito preventivo das doenças coronarianas, mas é mais provável que o baixo nível de gordura saturada seja o que torna benéfico o óleo de oliva.

Em virtude dos efeitos benéficos do elevado conteúdo do ácido oléico contido no óleo de oliva, tem-se imaginado que outros alimentos, tais como o abacate, sejam bons, se também forem ricos em ácido oléico. Esta pode ser uma conclusão errada. O óleo de açafraão que teve o seu conteúdo de ácido oléico aumentado até o nível do encontrado no óleo de oliva, produz apenas metade da prostaciclina que o óleo de oliva produz. A prostaciclina reduz o risco de trombose.

Pode haver uma ação benéfica do óleo de oliva sobre a parede do vaso sanguíneo por fatores desconhecidos. É o único óleo que tem mostrado pre-

servar a elasticidade das artérias em ratos idosos.

Tanto os regimes alimentares com pouca gordura como os ricos em gordura monoinsaturadas, abaixam o colesterol total e o colesterol da lipoproteína (LDL) de baixa densidade.⁹ O ácido oléico não só não abaixa, como até eleva a alta densidade do colesterol da lipoproteína (HDL), quando comparada com o regime alimentar pobre em gordura.

Muitos estudos nos Estados Unidos demonstram que o colesterol HDL exerce um efeito protetor contra o ataque cardíaco. Resta saber, contudo, se o colesterol HDL é tão benéfico como se pensa. Cientistas da Rússia noticiaram recentemente um aumento no índice de mortes por causas não coronarianas, quando o HDL aumentou.¹⁰

Quando consumido com quantidades extremamente elevadas de colesterol, o óleo de amendoim produz arteriosclerose em coelhos e macacos. Um artigo de revista, recente, declara: "Este trabalho parece mostrar mais firmemente que no coelho alimentado com grandes quantidades de colesterol, a inclusão do óleo de amendoim produz um grau fora do comum de arteriosclerose que não se deveria esperar, com base em seu grau total de insaturação."

Os escritores continuam a dizer: "... O regime alimentar que contém quantidades excessivas de colesterol não pode ser considerado um modelo aplicável, quando muito menos quantidades de colesterol são consumidas no coelho e com certeza não no homem."¹¹

Dessa maneira, a placa formada na parede arterial pelo óleo de amendoim pode até ser protetora! Ela é fibrosa e tende a recompor a placa de colesterol que, de outra maneira, poderia romper-se e obstruir a veia.

O óleo de amendoim contém ácidos gordurosos saturados, conhecidos como ácido araquídico e ácido bênio, alguns dos quais são suspeitos de causar arteriosclerose em macacos. Estes estão presentes em menos de 6 por cen-

to dos ácidos gordurosos. O colostro do leite humano tem 4,9 por cento desses ácidos.

A pasta de amendoim é rica em proteína, não tem nenhum colesterol, é pobre em gorduras saturadas e não eleva nem diminui o nível de colesterol seroso da pessoa. Em vista desses fatos, a pasta de amendoim ainda pode ser recomendada como um bom alimento.

O óleo de semente de algodão é rico em ácido palmítico, o ácido gorduroso saturado que mais eleva o colesterol seroso. Por isso, não é o óleo preferido para uso rotineiro.

O óleo de sementes de colza, ou óleo de Canola, vem sendo usado no Canadá há muitos anos. Seu uso não foi permitido nos Estados Unidos até serem retirados com sucesso, do óleo, fatores tóxicos. É também um óleo rico em ácidos gordurosos poliinsaturados e de baixo conteúdo de ácidos gordurosos saturados. Contém consideráveis quantidades de ácido linoléico alfa, alguns dos quais o corpo transforma em ácido eicosapentanoico (EPA), uma substância que ajuda a reduzir o risco das trombozes.

O óleo de semente de girassol, o óleo de milho e o de açafrão devem ser de valor no uso diário. Os outros, tais como o de amêndoa, são úteis, mas podem ser muito caros.

O óleo de coco contém quantidade elevada de ácido láurico, um ácido gorduroso saturado. Este tende a elevar o colesterol seroso, ao menos quando usado com colesterol no regime alimentar. Dessa forma, não é um óleo recomendável para uso de rotina.

Gordura animal e colesterol

Enquanto alguns óleos vegetais podem ajudar a diminuir o risco de ataque cardíaco, a gordura animal aumenta o perigo de doenças do coração. Os homens adventistas vegetarianos in-

tegrais tiveram apenas 14 por cento do índice esperado de mortes por ataque cardíaco, da população geral, enquanto os ovo-lácteo-vegetarianos tiveram 39 por cento, e os que comem carne quatro ou mais vezes por semana, tiveram 56 por cento da mortalidade esperada. Contudo, não se pode tirar nenhuma conclusão dessa parte do estudo, por causa do pequeno número existente no grupo vegetariano integral.¹²

Foi dito que estatisticamente os vegetarianos integrais adventistas da Nova Inglaterra tinham colesterol total e LDL mais baixo do que os ovo-lácteo-vegetarianos.¹³ Os ovo-lácteo-vegetarianos tiveram 24 por cento de colesterol LDL mais elevado do que os vegetarianos completos.¹⁴ A redução diária de 100 mg do colesterol dietético reduz o colesterol seroso em cerca de 5 mg/dia e para 10 por cento o risco de ataque cardíaco. Uma vez que o colesterol se encontra presente apenas nos produtos de origem animal, um regime alimentar vegetariano é ideal para reduzir o colesterol dietético.

Pequenas quantidades de colesterol servidas a animais durante longos períodos de tempo, resultam em arteriosclerose, embora os testes sanguíneos revelem pouco ou nenhum risco no colesterol seroso. As pessoas que ingerem 2000 calorias diárias, aumentam em cerca de 30% o risco de ataque cardíaco, quando aumentam o consumo do colesterol dietético de 200 para 600 mg ao dia. A diminuição do consumo diário de 600 para 200 mg, diminui em 37% o risco de morte por todas as causas combinadas — o equivalente a viver 3,4 anos mais.

Os adventistas do sexo masculino, que comem carne quatro ou mais vezes por semana, corriam quatro vezes mais o risco de morrer de ataque cardíaco aos 40 anos, e duas vezes mais aos 60, do que os que eram ovo-lácteo-vegetarianos.¹⁵

As mulheres japonesas que comem carne todos os dias, corriam 3,8 vezes maior risco de contrair câncer do seio,

do que aquelas que comem a mesma espécie de alimento citada, menos de uma vez por semana. O consumo de ovos, manteiga e queijo aumentou também o risco de duas para três vezes.¹⁶ A gordura animal relaciona-se com o câncer do seio nas comparações internacionais, mas a gordura vegetal não apresenta nenhuma correlação dessa espécie.¹⁷ O câncer do ovário, em adventistas, aumenta à medida que é maior o consumo de carne.¹⁸ A carne — como qualquer alimento de elevada densidade calórica — aumenta o risco de obesidade. Esta, por sua vez, aumenta o risco de ataque cardíaco e de muitos tipos de cânceres.

Quando exposto ao ar, o colesterol do alimento pode oxidar-se e formar substâncias tóxicas que podem danificar as paredes das artérias. Estudos feitos em macacos, revelaram que os pós para sobremesa e as misturas de panqueca que continham ovos, causaram danos consideráveis.

Gordura adicionada *versus* gordura natural

Alguns acham que a gordura natural do alimento é mais benéfica e utilizada de maneira diferente pelo organismo, do que o óleo adicionado livremente ao alimento. Este, porém, não é o caso. Os estágios preliminares da digestão da gordura impedem uma utilização fisiológica diferente dessas duas espécies de óleos.

O tempo que leva para o estômago esvaziar o seu conteúdo, varia, dependendo de muitos fatores, entre os quais o coeficiente calórico.¹⁹ Leva em torno de uma hora para o estômago esvaziar-se de 10 gramas de gordura — o mesmo tempo exigido para lidar com os carboidratos que contêm o mesmo número de calorias.

Os óleos industrializados podem ser realmente de mais confiança do que os

não processados, pois o processamento remove algumas das aflatoxinas, pesticidas e outros produtos químicos prejudiciais. Os óleos crus contêm substâncias que produzem sabores indesejáveis. A clorofila ou outras impurezas, absorvem a luz e causam deterioração. Por essa razão, é necessário o refinamento adequado.

A hidrogenação do óleo para fabricar margarinas e gorduras, produz quantidades consideráveis de ácidos gordurosos impróprios para a saúde. Em estado natural, esses ácidos não existem em grande quantidade. O leite contém cerca de 5% desse tipo de ácidos.²⁰

Um estudo de 46 gerações de ratos alimentados com margarina hidrogenada como única fonte de gordura, não apresentou aparentemente nenhum efeito deletério. Há pouca evidência para se sugerir que os ácidos transgordurosos aumentem o risco quer de câncer, quer de doenças cardíacas.²¹ Aparentemente, esses ácidos gordurosos não atingem adversamente a função celular, também, quando incorporados às células. São metabolizados como os ácidos gordurosos saturados, normalmente encontrados no sangue, mas não elevam o colesterol seroso.

Os grupos científicos recomendam que pelo menos um terço de nossa gordura seja de ácidos gordurosos poliinsaturados. Os esteróis da planta, encontrados nesses óleos, atenuam o efeito do colesterol no regime alimentar, reduzindo-lhes a absorção.

O ácido linoléico alfa, um dos ácidos gordurosos essenciais, é o principal precursor dos ácidos gordurosos ômega-3, tais como o ácido eicosapentânico (EPA), que reduz o risco de ataque cardíaco, ao reduzir a agregação e agrupamento de plaquetas dos glóbulos vermelhos. As nozes inglesas, as sojas, o óleo de soja, a pasta de nozes, o óleo de sementes de colza, e o de linhaça são ricos em ácido linoléico alfa. Esse ácido gorduroso pode ser transformado em EPA na corrente sanguínea.

Não foram até agora encontradas quantidades apreciáveis desse ácido gorduroso ômega-3, mas os esquimós, que consomem quantidades consideráveis de peixe, rico em ômega-3, apresentam risco acentuado de hemorragia cerebral. Por isso, além da possibilidade de o consumo excessivo de peixe poder elevar o risco de câncer no indivíduo, os pesquisadores não recomendam o consumo de peixe para reduzir o risco de ataque do coração. O óleo de peixe diminui também a produção de insulina (tornando-o impróprio para diabéticos) e aumenta o colesterol LDL, que de fato pode aumentar o risco de ataque cardíaco.

Os bebês e crianças necessitam

A

Faculdade Americana de Pediatria recomenda que os bebês recebam no mínimo 30% de suas calorias procedentes de gordura, a fim de certificar-se de que eles obtiveram todo o ácido gorduroso essencial (EFA) de que necessitavam para o crescimento e manutenção das membranas celulares, regulação do metabolismo do colesterol e síntese das prostaglandinas.

Não se justifica um regime alimentar com baixo teor de gordura para recém-nascidos. Quarenta a 50 por cento das calorias do leite de u'a mãe bem alimentada vêm da gordura.

As necessidades de nutriente e energia dos recém-nascidos e das crianças pequenas são relativamente grandes para a capacidade de seu estômago e o tamanho de seu corpo. Conseqüentemente, eles necessitam de alimentos ricos em nutrientes para suprir essas necessidades. Por isso, a gordura deve constituir proporção maior de suas energias do que para os adultos. A Organização Para Alimentação e Agricultura recomenda que em nações subdesenvolvidas, nas quais as crianças pequenas têm um déficit de energia de 20

a 30 por cento, metade desse déficit deve ser compensado com gorduras e a outra metade com alimentos com os quais as crianças estão acostumadas.

Estudos têm demonstrado que crianças submetidas a regime alimentar com pouca gordura, geralmente são pequenas para o seu peso. Após os dois anos de idade, contudo, o peso inferior acelera a velocidade, sugerindo uma retomada no crescimento.^{22 e 23} Relatórios recentes têm documentado falha de crescimento em crianças com menos de dois anos de idade que foram alimentadas com regime alimentar com baixo teor de gordura.²⁴

Os recém-nascidos em regime alimentar com baixo teor de gordura têm menos gordura subcutânea. Alguns desenvolvem anormalidades de comportamento significativas, mas reversíveis. As crianças de seis meses e dois anos de idade poderiam bem ter de 30 a 35 por cento de suas calorias procedentes de gordura. Contudo, a Associação Nacional do Colesterol de Consenso recomenda que todas as que têm mais de dois anos de idade, devem procurar reduzir o consumo de gordura para 30 por cento das calorias.

As recomendações atuais

Baseados em estudos da população e nos índices de ataque cardíaco, muitos organismos científicos têm recomendado que menos de 30 por cento das calorias consumidas sejam provenientes de gordura. O consumo médio nos Estados Unidos é de 37%; para os adventistas é de 35 a 38%. Essas recomendações se baseiam em estudos em animais e na população, comparando-se o consumo de gordura com os índices de câncer e ataques do coração. O comitê de peritos em prevenção das enfermidades coronarianas, da Organização Mundial de Saúde, declarou que a relação entre a morte, o coleste-

rol do sangue e as enfermidades coronarianas é causal.

A Associação Médica Americana recomenda que todas as pessoas continuem com o regime alimentar da Associação Americana do Coração, Fase I, que não contém mais de 30 a 35% das calorias como gordura, com 10% ou menos de gordura saturada. Esse regime alimentar não deve ter mais de 300 mg de colesterol por dia. O americano consome em média de 400-500 mg de colesterol cada dia. Os adventistas vegetarianos consomem de 25 a 50 por cento menos do que isso.

Aqueles que têm colesterol seroso acima da média de 210 mg/d, devem passar para o regime alimentar Fase II, se o primeiro regime não reduzir o seu colesterol seroso a níveis desejáveis. Nesse regime, a gordura não deveria constituir mais de 30% das calorias, e a gordura saturada deveria ser igual a menos de 8 por cento. Na Fase II, o consumo de colesterol não deveria ser superior a 250 mg por dia.

Se isso não der o efeito desejado, deve-se passar para o regime da Fase III — não mais de 7 por cento das calorias de gordura saturada e o consumo de colesterol 100 mg ou menos, por dia. Todos os membros da família daqueles que têm colesterol seroso elevado, são aconselhados a seguir pelo menos a Fase I desse regime alimentar. Estes representam dois terços da população dos Estados Unidos.

Os níveis médios de colesterol seroso nos Estados Unidos permanecem em 210 mg/d. O Programa Nacional de Educação Sobre o Colesterol recomenda que aqueles cujos níveis estão acima de 200 mg, reduzam a gordura saturada para 10 por cento das calorias e o colesterol para 300 mg. Se isto não der resultado, eles devem prosseguir para o Passo 2 do programa, com menos de 8 por cento de gordura saturada e o colesterol abaixo de 200 mg por dia. Qualquer pessoa com menos de 65 anos de idade, cujo colesterol LDL é 160 mg/dia ou mais, e que tem outros

dois fatores de risco de ataque cardíaco (ser homem é considerado em si mesmo um fator de risco), ou 190 mg/dia sem nenhum outro fator de risco, é candidato a terapia por meio de medicamento, caso a modificação do regime alimentar não seja eficaz. O colesterol LDL deve ser controlador da gordura dietética.

Para atender às recomendações nacionais de consumo de gordura em toda parte, entre 20 e 30% das calorias com apenas 7 a 10% de gordura saturada, e tentar chegar mais perto do regime alimentar ideal para prevenir a doença e promover a saúde, o Conselho de Nutrição Norte-Americano faz as seguintes recomendações.

1) Aumento do consumo de frutas, cereais integrais e verduras por aqueles que ainda não fizeram isso, e adotar o regime vegetariano sem carne, peixe ou aves. Isto, mostrou o Estudo da Saúde Adventista, reduzirá o risco de ataque cardíaco mais do que qualquer outro regime alimentar promovido com essa finalidade hoje. Espera-se que isso reduza também o risco de câncer.

2) Cozinhar e planejar os alimentos sem o uso de ovos. Isto eliminaria a maior fonte de colesterol do regime alimentar americano. Pode reduzir também o risco de certos cânceres que parecem estar epidemiologicamente relacionados com o consumo de ovos.

3) Evitar produtos dietéticos com elevado teor de gordura, tais como creme, manteiga, queijo muito gorduroso e leite integral. Isto reduz ainda mais o colesterol, a gordura saturada e a gordura animal, e provavelmente reduz o risco tanto das doenças cardíacas como do câncer.

4) Usar óleos poliinsaturados em quantidades limitadas, em lugar de gorduras consistentes, tais como as manteigas. Isto diminuirá tanto a gordura saturada como a gordura total, e talvez reduza ainda mais o risco de câncer.

A Bíblia não só não condena o uso de óleo, como ordena o seu uso. O Espírito de Profecia também não condena o

seu uso. A evidência científica contra o uso de gordura animal é forte. Há bom indício contra o uso de muita gordura vegetal. Há, porém, pouca evidência para se defender a eliminação total da gordura, do regime alimentar. Na verdade, um pouco de óleo pode até diminuir o risco de doença e promover a boa saúde. Positivamente, aqueles que escolhem o seu regime alimentar dentre os alimentos que Deus considerou bons para comer (Gên. 1:29; 3:18) colhem importantes benefícios em saúde.

O consumo de alimento nutritivo é necessário para manter a vida. Quanto mais saudável o regime alimentar, tanto melhor a saúde. Quanto melhor a saúde, tanto mais completa a vida mental e espiritual.

1. *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, págs. 81 e 82.
2. *Idem*, pág. 82.
3. *Idem*, pág. 353.
4. *Idem*, pág. 488.
5. H. B. Brown, "Diet and Serum Lipids: Controlled Studies in the United States", *Preventive Medicine* 12 (1983): 103-109.
6. A Keys and J. T. Anderson, "The Effects of Different Food Fats on Serum Cholesterol Concentration in Man", *Journal of Nutrition* 62 (1957): 421-424.
7. A. J. Vergroesen, "Physiological Effects of Dietary Linoleic Acid", *Nutrition Review* 35 (1977): 1-5, 1977.
8. A Keys, "Cardiology, the Essentiality of Prevention", *Minnesota Medicine* 52 (1969): 12-18.
9. S. M. Grundy, "Comparison of Monounsaturated Fatty Acids and Carbohydrates for Lowering Plasma Cholesterol", *New England Journal of Medicine* 314: (1986) 745-748.
10. R. I. Levy and A. N. Klimov, *High Density Lipoprotein Cholesterol (HDL-C) and Mortality in USSR and US Middle Age Men: The Collaborative US-USSR Mortality Follow-Up Study*, (Abstract) *Circulation* 76 (Supplement IV) 167, 1987.
11. "Nutrition Reviews: Atherogenicity of Peanut Oil in the Rabbit", *Nutrition Review* 30 (1972): 70-72.
12. R. L. Phillips, F. R. Lemon, Wl. L. Beeson, and J. W. Kusma, "Coronary Heart Disease Mortality Among Seventh-day Adventists with Differing Dietary Habits: a Preliminary Report", *American Journal of Clinical Nutrition*, 31 (1978): S191-S198.
13. M. Fisher, P. H. Levine, B. Weiner, et al., "The Effect of Vegetarian Diets on Plasma Lipid and Platelet Levels", *Archives of Internal Medicine* 146 (1986): 1193-1197.
14. F. M. Sacks, D. Ornish, B. Rosner, S. McLanahan, W. P. Castelli, and E. H. Kass, "Plasma Lipoprotein Levels in Vegetarians. The Effect of Ingestion of Fats from Dairy Products", *JAMA*, 254 (1985): 1337-1341.

15. D. A. Snowdon, R. L. Phillips, and G. E. Fraser, "Meat Consumption and Fatal Ischemic Heart Disease", *Preventive Medicine*, 13 (1984): 490-500.
16. T. Hirayama, "Epidemiology of Breast Cancer with Special Reference to the Role of Diet", *Preventive Medicine*, 7 (1978) 173-195.
17. K. K. Carroll, "Dietary Factors in Hormone-Dependent Cancers", In: Winick, M. *Nutrition and Cancer*, págs. 25-40, 1977.
18. R. L. Phillips, D. A. Snowdon, and B. N. Brin, "Cancer in Vegetarians". In: Wynder, E. L., G. A. Leveille, J. H. Weisburger, G. E. Livinston, eds., *Environmental Aspects of Cancer — The Role of Macro and Micro Components of Foods* (Westport, Connecticut: Food and Nutrition Press, 1983) págs. 53-72.
19. J. N. Hunt e D. F. Stubbs, "The Volume and Energy Content of Meals As Determinants of Gastric Emptying", *Journal of Physiology*, 245 (1975): 209.
20. E. A. Emken, "Nutrition and Biochemistry of Trans and Positional Fatty Acid Isomers in Hydrogenated Oils", In: Darby, W. J., H. P. Broquist, and R. E. Olson, *Annual Review of Nutrition*, 4 (1984): 339-376.
21. R. B. Alfin-Slater, et al, "Nutritive Value and Safety of Hydrogenated Vegetable Fats As Evaluated by Long-Term Feeding Experiments with Rats", *Journal of Nutrition*, 63 (1957): 241-261.
22. First Health and Nutrition Examination Survey, Anthropometric and Clinical Findings, DHEW Publication No. HRA 75-1229 Washington, D. C.: Department of Health, Education and Welfare, (1975).
23. M. Shull, et al, "Velocities of Growth in Vegetarian Preschool Children", *Pediatrics* 60 (1977): 410.
24. M. T. Puliese, M. Weymkar-Daum, N. Moses, F. Lifshitz, "Parental Health Beliefs As A Cause of Non-Organic Failure to Thrive", *Pediatrics* 80 (1987): 175-182.

Calçando os Sapatos do Jovem

Uma fé viva requer comunicação em termos vivos. O ministério jovem não é exceção.

Chamemos isso o hiato da geração, ou chamemos o salto da geração. Olhemos para os países em desenvolvimento, ou observemos o próspero Ocidente. Vamos a uma ilha distante, ou a uma metrópole explosiva. Não podemos passar por alto. Não podemos evitá-lo.

A cultura jovem. O sistema jovem de avaliar. A maneira de o jovem encarar a vida, seus mistérios e seus desafios.

É um fenômeno universal que as na-

ções, as comunidades e os lares enfrentam. A igreja cristã não é exceção: ela também está enfrentando dentro e fora a cultura distintiva do jovem.

Por esse motivo, torna-se grandemente necessário que, ao ministrarmos às pessoas jovens hoje, entendamos sua posição — aquilo que elas pensam, como se sentem, como se relacionam uns com os outros — e ajustemos o nosso ministério de conformidade com isso. Em lugar de permitir que nossas idéias pre-

R. B. Ferret

Ministro adventista na Ilha de Pitcairn
Dedica a maior parte do seu ministério aos jovens

concebidas se choquem com as deles, deveríamos permitir que suas idéias de vida, verdade e valores definissem nosso exame do ministério jovem.

Um dos pontos mais importantes de interesse do ministério jovem é a formação de valores. Como se formam os valores? Que papel desempenham as forças culturais e sociais, na formação do sistema de valores? Quando um jovem diz: "Fiz exatamente o que parecia certo no meu tempo", é isto indicação de que os valores são colocados abaixo das decisões? Por outro lado, quando os atos de uma pessoa contrariam os valores professados, que se poderá dizer? É a conduta um indicador verdadeiro dos valores? Quão correta é a afirmação de que "uma vez que um valor é entranhado ele se torna consciente ou inconscientemente um padrão para orientar a ação"?

Para muitos jovens hoje, os valores são formados e dirigidos pelo conceito de "o tempo é agora". Sua tendência é ver o passado e o futuro como inconseqüentes. A sociedade em geral e a mídia em particular, têm-se apressado em detectar essa atitude e capitalizar em cima do tema "agora", no esforço por captar o pensamento da juventude.

Outro fator de impacto momentoso sobre o desenvolvimento dos valores do jovem é o agrupamento de iguais. O pesquisador John Horrocks observou: "Importante como é, como agente limitador e definidor, o que equivale a dizer que ela é o ponto focal da existência de toda criança, apesar disso a família não pode normalmente transcender, ou mesmo em muitos casos atingir, o avanço do 'agrupamento de iguais' na formação dos valores e em prover segurança pessoal visível, como um indivíduo.

"A pesquisa tem sugerido que dentro da situação do grupo, o adolescente pode experimentar uma sensação de poder, de propriedade e de segurança; pode tomar decisões em colaboração com seus iguais que jamais seria capaz

de tomar sozinho. ... Assim, podemos ver o mundo igualitário para a maioria dos adolescentes como uma fonte de atitudes grandemente importante; o inibidor, bem como o iniciador da ação, o árbitro do certo e do errado."

Daí, a dificuldade de uma geração mais antiga compreender plenamente a juventude — seu vocabulário, maneira de pensar, sentimentos, percepções e valores — a menos que ela tome tempo para identificar-se com o mundo da juventude.

Dilema no processo de avaliação

O problema é mais complicado por uma dupla fraqueza na maneira de a sociedade de hoje transmitir os valores. Em primeiro lugar, há falta de dedicação a qualquer norma absoluta, colocando os valores num estado de fluxo constante. Em segundo, há uma incoerência entre as atitudes proclamadas e o comportamento observado na sociedade, em particular em figuras que exercem autoridade, como os pais, professores, os líderes políticos, o clero, etc. Muitas vezes o jovem se defronta com o dilema do relativismo, por um lado, e, por outro, o da hipocrisia da incoerência.

Como modelos tradicionais da aprovação/desaprovação relacionada com o rebaixamento dos valores, os adolescentes são em geral levados a estabelecer os seus próprios valores dentro do grupo de "iguais". Mas as pressões dos iguais têm a tendência de apoiar uma inclinação relativista na avaliação. Por exemplo, um jovem de treze anos pode desaprovar pessoalmente o sexo antes do casamento, mas pode recusar-se a tomar qualquer posição quanto à conduta de um igual. O objetivo ou o pensamento reflexivo como base para avaliar, muitas vezes está ausente; em lugar de contribuir para estabelecer a norma. Uma vez que a juventude se

concentra sobre o presente, ela é levada a julgar os valores em termos de experiência imediata, em lugar de considerá-los de consequência duradoura.

O problema fundamental com a concentração no "agora" é que ele pode degenerar-se em mera busca de sensações agradáveis. O desejo de entretenimento, dá forma aos valores da pessoa. Conseqüentemente, o hedonismo — a busca do prazer em si, sem responsabilidade — determina a espécie de valores que toda uma geração aceita.

Todavia, o evangelho de Jesus Cristo traz significado à vida estranha à experiência do prazer pessoal ou do alcance dos fins pessoais. Não que o evangelho convide a uma total renúncia dos prazeres comuns da vida, mas pede ao cristão que não os torne o ponto focal dos valores da vida. O evangelho requer que busquemos primeiro o reino de Deus. Uma vez que seja concedida a prioridade, a reivindicação cristã abre o caminho para viver aqui, viver agora e viver plenamente. Assim, o problema crítico para a igreja é ensinar sua juventude a fazer distinção entre a maneira em que vivem "agora" aqueles que estão no mundo secular e a maneira em que os cristãos deviam viver.

Norma de avaliar: a autoridade ou a subjetividade?

Mas avancemos mais um passo. Que ensinaremos aos nossos jovens acerca de como usar as Escrituras co-

mo norma de desenvolvimento dos valores? É a melhor maneira de agir aquela que se baseia apenas na autoridade, ou um processo subjetivo de avaliação? Para alguns, e para todos os problemas que nossos jovens enfrentam, a maneira comum de agir tem sido dar-lhes uma boa dose de textos, citações e doutrinas bíblicas. Um conjunto de crenças e doutrinas bem definidas, apresentado como um "sistema de verdades", espera-se, deverá possuir a magia de manter os jovens alinhados com as exigências morais e éticas. O resultado lógico de tal atitude tem sido ver o professor de Bíblia como um facilitador de conhecimento e informação, para projetar a aula de Bíblia como uma atividade intelectual semelhante a qualquer outra aula, e esperar do aluno um domínio factual do assunto.

Conseqüentemente, tanto o aluno como o professor deixam de atingir o propósito principal do estudo da Bíblia: a formação de um novo ser pela graça e poder de Deus.

Contudo, as Escrituras apresentam não tanto um sistema de "verdades" baseado no conhecimento e na informação, mas um sistema de "realidades", baseado na possibilidade de uma nova dinâmica relacional. A Palavra de Deus nos revela o verdadeiro mundo em que vivemos, a verdadeira natureza do homem e de Deus, o modelo de relacionamento entre Deus e nós e a possibilidade de introduzir uma nova realidade dirigida pelo amor e poder de Deus.

L. O. Richards ilustra graficamente o assunto:⁴

Realce teológico	Modelo de comunicação	Resposta adequada
1. Sistema de verdades	Conteúdo de verdade comunicada	Aceitá-la como verdade
2. Estrutura da realidade	Orientação para experimentar a verdade	Descobrir que ela é a verdade

Richards diz que, quanto mais persistirmos em um sistema de verdades, ao estudarmos e apreciarmos a Bíblia, mais seremos orientados pelo conteúdo. Podemos descobrir e aceitar a verdade, mas essa aceitação se acha em nível intelectual e não orienta necessariamente a experiência e os valores.

Por outro lado, o segundo sistema, que leva a abordagem bíblica à sua verdadeira base teológica, ajuda os alunos a descobrirem uma forma diferente de selecionar as questões da vida. Os alunos aprendem ainda os ensinamentos e doutrinas escriturísticos — “as verdades”. Mas em lugar de serem apenas o objeto de uma busca intelectual, essas verdades se tornam um ponto de referência para a experiência. E em lugar de descobrir só as idéias dos outros, o aluno descobre uma norma genuína de avaliar as experiências e condutas da vida.

Assim, o sistema 1 é uma forma intelectual de encarar as Escrituras, e o sistema 2 é uma forma subjetiva. O primeiro conduz à descoberta da verdade e apela à aceitação das normas de valor baseadas na autoridade. O segundo, leva a interiorizar a verdade e a deixar que esta dirija a experiência das relações interpessoais e a vida cristã prática.

Em qual desses dois sistemas deveria o jovem estar interessado? Uma pesquisa entre 502 alunos adventistas na Austrália, com idades que variavam entre 12 e 18 anos, revelou alguns exemplos interessantes. O estudo ajudou a determinar se os jovens estavam mais interessados em áreas de relacionamento pessoal e vida cristã prática, ou em áreas teológicas e doutrinárias. Distribuiu-se um questionário (ver box) que continha 19 itens. Pedia-se que os participantes indicassem quão importante consideravam cada um dos itens, atribuindo-lhes valor de 1 a 5 — sendo o 1 o menos importante e o cinco mais importante.

A pesquisa verificou que os jovens consideraram as relações pessoais e a

vida prática como as áreas mais importantes de interesse. Eles consideraram as questões doutrinárias e teológicas como menos importantes, embora não desprezassem a doutrina como tal.

Eles consideraram também as questões de natureza pessoal intensa como muito importantes, e gostariam de saber o que a Bíblia tem a dizer a seu respeito. Uma pergunta fácil sobre como fazer e conservar amigos, recebeu a nota mais alta, sugerindo que os jovens estariam interessados em ouvir o que a igreja tem a dizer sobre isto. Indistintamente, quase 75 por cento dos jovens pesquisados estavam interessados nos assuntos sobre tentação e oração eficaz. As únicas questões práticas (3 e 6) que receberam notas baixas foram aquelas que os alunos provavelmente devem ter achado mais irrelevantes para sua situação.

O que significa tudo isso? Sem dúvida, os jovens estão mais interessados numa estrutura da “realidade” do que em um mero sistema da verdade — o que indica que nossos métodos tradicionais de ensinar e relacionar as verdades são inadequados. Para se tornarem eficazes e significativos, o ensino da Bíblia e a comunicação de valores devem deixar o conteúdo enfático apenas, para a aplicação do conteúdo à experiência; dos fatos sem vida, para a vida humana ativa. Só então terá o ensino relevância para a tarefa da avaliação.

Em certo sentido, a pesquisa desafia a geração mais antiga a proporcionar oportunidades para os jovens questionarem, analisarem, argumentarem, escolherem e, possivelmente, tirarem suas próprias conclusões. Durante muito tempo, estivemos temerosos de enfrentar perguntas para as quais não tínhamos resposta; temos buscado a comodidade na evasão. “A tragédia é que muitos jovens jamais permitiram a si mesmos questionar as crenças ou ser defrontados com as demandas da investigação da vida, a fim de que seu ‘retrato’ e moralismo religioso sejam completamente examinados. Para a

maioria das pessoas jovens o que importa não é a perda da fé, mas a fé superficial.”⁵

Um aluno de treze anos de idade me disse certa vez por que uma aula de Bíblia a que assistia a deixou completamente desinteressada. O professor era educado, falava com clareza, mostrava-se interessado e, normalmente, era agradável. Ele não disse nada que realmente deixasse a estudante preocupada; contudo, ela sentia pouco interesse por sua aula. Qual teria sido a razão para sua frustração? A falta de habilidade do professor para aceitar as perguntas e lidar com elas.

O questionamento dos jovens a nossas crenças firmemente defendidas, não significa que eles estejam no caminho da perdição. Geralmente significa que eles estão procurando compreender e experimentar todas as alternativas. A verdade pura jamais teme a abertura para perguntas, para debates, para a clarificação. De fato, é a verdade que leva a mudanças nos valores e estruturas da crença.

Estudar situações que se caracterizam por uma atmosfera de resposta ao debate, em lugar de uma atmosfera de discussão do assunto, geralmente apresenta uma solução ou ponto de vista específico como solução final. Os que ensinam Bíblia, partindo dessa orientação, procuram andar em linha reta, em busca de uma solução previamente elaborada, argumentando com lógica, mas em geral indiferentes a pontos de vista alternativos. Tais abordagens autoritárias trazem consigo um círculo de finalidades: uma vez que seja encontrada uma resposta, não há necessidade de alguma de reexaminar sempre as questões.

Nossa juventude de hoje deveria rejeitar uma tal maneira de tratar a questão. Em lugar de abrir mão das alternativas, ela deve criar várias e, depois, explorar a todas. Por esse motivo, quando a pessoa ensina Bíblia ou questões de comunicação, deve procurar agir por fora, buscando novos vislumbres

e idéias, e manter a decisão até que sejam explorados novos pontos de vista. O processo salienta a “abertura” externa para a resposta certa. Uma vez que se decida sobre uma resposta, esta precisa ser testada na prática, enquanto o explorador continua aberto a melhores soluções.

Ambos os procedimentos podem levar a respostas válidas. Contudo, o último tem mais probabilidade de conquistar e conservar os jovens, pois os expõe às realidades da existência e lhes proporciona a oportunidade de explorar os significados da experiência da vida à luz da fé cristã.

Temos nós deixado de proporcionar esta situação ideal de aprendizado? Dar-se-ia o caso de termos chamado os jovens para virem para dentro das paredes de nossa igreja falar a respeito de *nossa fé*, sem oferecer a contrapartida de dizer-lhes no “mundo” que provem a realidade da fé e crença contra os fatos da vida e existência humana?

Seja qual for a resposta, não podemos fugir à conclusão de que nosso ministério em favor dos jovens deveria atingir o seu ambiente, seu mundo, atender as suas necessidades. Para fazer isso com sucesso, o ministério da juventude:

1. Deve basear-se na compreensão de que as expressões de vida dos jovens podem diferir das nossas, mas são muito válidas.

2. Deve relacionar as Escrituras com a doutrina — não apenas obter aprovação intelectual e descoberta doutrinária, mas dar origem à compreensão de uma estrutura da verdade, na qual a dinâmica de relação e pessoal opere segundo princípios bíblicos.

3. Não pode ignorar ou evitar problemas que a sociedade tem, mas enfrentá-los diretamente, e deixar que os princípios cristãos operem sobre eles.

4. Deve proporcionar aos jovens experiências e envolvimento diretos nas grandes questões da vida, nas quais algumas de suas crenças e a fé possam ser provadas.

5. Deve apresentar a doutrina como base ao desafio do estilo de vida e operadora de mudanças no comportamento.

6. Deve trabalhar e brincar com os jovens, ensiná-los, aconselhá-los e orientá-los em pé de igualdade; penetrar em

seu mundo e fazer parte de sua vida.

7. Deve estar pronto a admitir que os adultos nem sempre têm as respostas, e que juntos podemos efetuar uma busca honesta das respostas.

O Pastor Como Membro da Igreja

A descrição bíblica da destruição de Coré, Datã, Abirão e seus familiares preocuparam por muitos anos o autor, até que ele verificou que "os filhos de Coré não morreram".

Uma das recordações mais vívidas da Bíblia, do meu tempo de infância, é a história de Coré, Datã e Abirão. Minha família possuía um volume de *Scripture Prints* (Gravuras Bíblicas) do famoso pintor francês Doré, o qual me ajudou mais tarde a desenvolver a imaginação jovem. Muitas vezes meditei sobre a versão de Doré relativa à sorte dos três cobiçosos levitas. Ali, levando nas vestes as insígnias hieráticas, afundavam eles entre as pontiagudas rochas fendidas. Seus pertences eram lançados sobre eles, enquanto no interior da terra os aguardavam chamas fumegantes.

Mais inquietante ainda do que a pin-

tura de Doré, porém, era a idéia de terem seus filhos sido lançados juntamente com eles. Eis a descrição:

"E disse (Moisés) à congregação: Desviai-vos, peço-vos, das tendas destes homens perversos, e não toqueis nada do que é seu, para que não sejais arrebataados em todos os seus pecados. Levantaram-se, pois, do redor da habitação de Coré, Datã e Abirão; e Datã e Abirão saíram e se puseram à porta das suas tendas, juntamente com suas mulheres, seus filhos e suas crianças. ... e (a terra) abriu a sua boca, e os tragou com as suas casas, como também a todos os homens que pertenciam a Coré, e a todos os seus bens" (Núm. 16:26, 27 e 32).

C. Mervyn Maxwell
Professor de História da Igreja no
Seminário Teológico da Universidade
Andrews

Criança ainda, fiquei pensando no que deve ter passado pela mente daquelas crianças, quando perceberam que a terra se abria. Pensei de novo no apelo de Moisés: “Desviai-vos, peçovos, das tendas destes homens perversos, ... para que não sejais arrebatados em todos os seus pecados”. Acho que se eu fizesse parte de alguma daquelas famílias, teria obedecido a Moisés, e me afastado.

Nem todos os filhos dos rebeldes morreram

Anos mais tarde, encontrei referências aos filhos de Coré, indicando que séculos depois do Êxodo, Coré ainda tinha descendentes vivos. O profeta Samuel e o cantor Hemã pertenciam a esse grupo (I Crôn. 6:22-28 e 33-38). Onze dos salmos (e.g., Salmo 84 e 85) são apresentados como salmos dos filhos de Coré.

O exame de I Crônicas 6:22-28 e 33-38, mostra que os filhos de Coré, nos salmos e em outros lugares, eram realmente descendentes de algum tetranteo de Levi, que desceu à sepultura de maneira tão desprovida de cerimônia. Mas como pôde acontecer isso?

Para minha tranqüilidade e satisfação pessoal, encontrei a resposta em Números 26:11 — um verso que declara simplesmente: “Mas os filhos de Coré não morreram”. A leitura cuidadosa de Números 16, mostra que o episódio original omite a família de Coré, dizendo que “Datã e Abirão saíram, e se puseram à porta das suas tendas, juntamente com suas mulheres, e seus filhos e suas crianças”.

Assim, nem todos os filhos dos rebeldes morreram! Nem todos desatenderam o apelo final de Moisés. Os filhos de Coré deram atenção. Em lugar de perecerem com os rebeldes, viveram para se tornar descendentes de muitas gerações que cantavam louvores a

Deus nas cortes do templo.

“Os filhos de Coré não morreram.”

Estou feliz porque eles não morreram; você também está?

Coré, Datã e Abirão se consideravam líderes do povo. Defenderam os direitos dos leigos. “Toda a congregação é santa”, disseram, e não apenas os dirigentes (Núm. 16:3). Altivamente, enfrentaram a liderança, à qual consideraram arbitraria e faltosa. Acusaram Moisés de conduzir o povo para fora, e não para dentro da terra que manava leite e mel (verso 14). Em sua obra *Interpreter's Bible*, Albert George Butler pede que não sejamos tão severos em julgar esses três homens; pois “nos alegramos hoje em suas duas principais contendas”.¹

Na verdade, muitas pessoas se gloriam. Querem um ministro corajoso, que não vacile em chamar o pecado pelo seu verdadeiro nome, mesmo que o pecado seja praticado pela cúpula dos administradores. O profeta Isaías falou sobre erguer a voz como a trombeta para expor o pecado, e levou pessoalmente uma mensagem sem rodeios aos reis Acáz e Ezequias. Admiramos os Reformadores por exigirem mudanças nas crenças e práticas. O próprio movimento do Advento nasceu em meio a um clamor que taxava de “Babilônia” as outras igrejas; e nós respeitamos as reprovações escritas de nossa mensageira moderna.

Não repreendeu Paulo a Pedro? Não chamou Jesus os Seus contemporâneos de “hipócritas”, “serpentes” e “raça de víboras” (Mat. 23:29)?

Há, contudo, nas Escrituras, o ponto de equilíbrio. O Espírito apela expressamente à unidade, ordenando-nos a nos curvamos para alcançá-la. A inspiração requer que diminuamos o nosso senso de infalibilidade pessoal e o substituamos pelo respeito franco às opiniões alheias, entre as quais as da liderança. Junto com a apatia e condescendência culposa, a Bíblia aponta também a desunião e o desrespeito para com a autoridade, como pecado.

Há na Bíblia muitas versões do novo concerto, e várias promessas feitas nessas versões. Por exemplo, há quatro promessas no novo concerto mencionado em Jeremias 31:33 e 34, e pelo menos sete promessas na versão apresentada por Ezequiel 36:22-32.

Tanto em Jeremias 31, como em Ezequiel 36, Deus faz a promessa: “Eu serei seu Deus, e eles serão Meu povo” — ou, como diz o Senhor por intermédio de Ezequiel: “Vós sereis Meu povo, e Eu serei o vosso Deus”. Em ambas as versões, notamos também que Deus prometeu gravar a Sua lei em nosso coração. Jeremias diz, representando a Deus: “Porei a Minha lei dentro de vós, e a escreverei em vossos corações”. Ezequiel diz: “Porei o Meu Espírito dentro em vós, e farei com que andeis nos Meus estatutos”. E, em Ezequiel, Deus faz a promessa adicional: “Vindicarei a santidade do Meu grande nome” entre as nações.

Quando pensarmos na responsabilidade que tem o ministro, de reformar e reprovar a igreja, devemos ter em mente estas promessas do concerto. Olhemos agora para elas com mais atenção.

1. *Vós sereis Meu povo.* A promessa de que seremos “povo” de Deus não se baseia em nossa relação pessoal com Deus. Notamos que implicou nas palavras da promessa de novo concerto: “Todos Me conhecerão”. A promessa a respeito de um povo, sugere um conceito corporativo. Deus terá um povo homogêneo, um grupo muito especial.

Era propósito de Deus, quando tirou Israel do Egito, a formação de um povo especial. “O Senhor teu Deus te escolheu, para que Lhe fosses o Seu povo próprio, de todos os povos que há sobre a terra. ... porque o Senhor vos amava” (Deut. 7:6-10).

Para distinguir um *povo*, foram ne-

cessárias as pragas e a coluna de fogo; o mar encapelado; o aniquilamento das tropas de elite e o trovão; a labareda e os sons de trombeta no Monte Sinai. Para ter um povo peculiar foi que o sangue da Páscoa foi derramado, o qual sustenta e envolve tudo o que Deus fez. Deus tudo fez a fim de dar origem a uma nação, um reino sacerdotal, Seu povo especial.

Este foi também o propósito do sangue, do sofrimento e vergonha da cruz — trazer à existência um povo especial, unido em amor, bem como em Seu nome. No Novo Testamento, o Cordeiro Pascal falou do Bom Pastor que “dá a vida pelo Seu rebanho”, e acrescentou: “Tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; devo trazê-las também, e elas ouvirão a Minha voz. Assim haverá um só rebanho, um só pastor” (João 10:16, RSV).

No caminho para a cruz, a fim de dar a Sua vida pelas ovelhas, Jesus orou: “Eu neles e Tu em Mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que Tu Me enviaste, e os amaste como também amaste a Mim” (João 17:21-23). Ao usar palavras como estas, o Senhor, nosso Sacrifício, ampliou-nos a compreensão sobre a expiação, sugerindo a expiação entre pessoas, bem com entre os indivíduos e Deus.

Nestes últimos dias, Deus tem operado de novo como um Deus “maravilhoso”.² E continuará a operar maravilhas em favor de Seu povo especial — o remanescente que guarda os Seus mandamentos e tem a fé de Jesus, os “144.000” que recebem o selo de Deus e estão em pé no Monte de Sião, entoando o cântico de Moisés e do Cordeiro. Entoam o cântico de Moisés, regozijando-se na libertação do Egito moderno. Cantam o cântico do Cordeiro Pascal, que operou a libertação e que “vê o trabalho de Sua alma e fica satisfeito”. Este grupo especial não tem na boca nenhum “engano” (Apoc. 14:5, KJV).

“Deus está guiando um povo, não

uns poucos indivíduos separados aqui e ali, uns crendo nisto, outros naquilo... O terceiro anjo está guiando e purificando um povo, e este deve andar com ele de maneira unida. Alguns vão à frente dos anjos que estão guiando este povo; eles, porém, devem recuar cada passo, e pacientemente não ir além de onde os anjos os levam".³

"Como um poderoso exército, move-se a igreja de Deus.

Irmãos, estamos pisando onde os santos pisaram!"

Assim cantamos, e somos instados a cantar. Mas o que acontecerá se, sem necessidade, interrompermos a unidade dos fiéis, por meio da crítica impiedosa e das inovações que glorificam o eu?

Como um *poderoso exército* desloca este punhado de homens?

Segurando-se firmemente e sendo complacente cada dia até às dez e meia!

Mesmo os antigos santos esperavam receber a sua recompensa, tão persistente é Deus em salvar um povo especial, unido, feliz e leal. Hebreus 11:39 e 40 (VKJ) nos lembra: "Todos estes, tendo obtido um bom testemunho pela fé, não alcançaram as promessas ... para que eles sem nós não fossem aperfeiçoados".

Nossa zelosa urgência em reformar a igreja, necessita ser equilibrada com uma forte apreciação da promessa do concerto de Deus quanto a uma igreja unida.

"Os filhos de Coré não morreram." Em lugar de apoiarem um cisma popular, permaneceram leais à corporação do escolhido povo de Deus.

2. "*Porei dentro de vós o Meu Espírito.*" "O cumprimento da lei é o amor" (Rom. 13:10). Quando Deus prometeu que Seu Espírito gravaria Sua lei em nossos corações, referia-Se à lei do amor. E o amor, como sabemos, "não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade" (I Cor. 13:5 e 6).

Uma das muitas formas em que a

promessa do novo concerto ocorre na Bíblia, está em Gálatas 5:22: "Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade", etc. O amor é uma forma de sentirmos acerca de outra pessoa. Quando o Espírito de Deus escreve Sua lei no coração de Seus seguidores, estes sentem uma afeição e apreciação que torna possível um povo singularmente unido.

Cristo chama Seu povo para ser reformadores; devemos, porém, fazer um eletrocardiograma espiritual periódico, para saber se estamos permitindo que o Espírito escreva Sua lei de afeição em nossos corações. "Se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dEle" (Rom. 8:9). "Os filhos de Coré não morreram."

3. *Por meio de vós vindicarei Minha santidade.* Quando Jesus tomou o cálice que representava o sangue do Cordeiro Pascal e disse: "Este é o novo concerto no Meu sangue", Ele tinha em mente algo mais do que o perdão dos pecados. O novo concerto promete cidadania aos outrora oprimidos e deserdados. Promete aplicar os princípios do amor à mais profunda sede das nossas emoções e atitudes. Promete-nos também o exaltado privilégio de fazer parte de um grupo de pessoas mediante o qual Deus pode vindicar Sua honra diante das nações.

Em harmonia com esta terceira promessa, quando Jesus ordenou, por ocasião da Ceia, que os Seus discípulos amassem uns aos outros, Ele acrescentou as palavras: "*Nisto conhecerão todos que sois Meus discípulos*" (João 13:35). A caminho para a cruz, suplicou Ele ao Pai: "Que eles sejam aperfeiçoados na unidade, *para que o mundo conheça que Tu Me enviaste, e os amaste como também amaste a Mim*" (João 17:23).

Jesus sabia que a amorosa lealdade e obediência demonstrada pelos Seus outrora insubordinados e desunidos discípulos, daria evidência ao mundo ao qual Deus os enviara. Mostraria que Ele estivera deseioso de que eles amas-

sem uns aos outros. Sua confiança mútua e perfeita aceitação deveriam comunicar alguma coisa vital a respeito de Deus e acerca do significado da missão de Cristo, que ninguém poderia contradizer.

Cantamos acertadamente, de acordo com nossa experiência pessoal:

“Remido e feliz em Jesus,

Seu filho pra sempre serei.”

Quando, porém, compreendermos o nosso papel na comunidade escolhida de Deus, e que nosso amor ajuda a vindicar o caráter de Deus em um mundo hostil e desconfiado, podemos cantar também:

“Remido para trazer honra a

Jesus,

Uma parte de Seu povo sou.”

Quando Agostinho renunciou aos laços de afeição da família e declarou que o homem é feito para Deus, pintou um quadro de um lado só. Marco Aurélio, o imperador filósofo, pintou outro quadro de um lado só, quando disse que os homens, como os dentes superiores e os inferiores, foram feitos uns para os outros. Deus nos fez para Si mesmo e uns para os outros. Mostramos ao mundo o nosso amor a Ele e Seu amor a nós, amando-nos uns aos outros.

“Os filhos de Coré não morreram.” Eles não quiseram nada com o descontentamento de seu pai. Recusaram-se a tomar qualquer parte na desairosa mensagem que os rebeldes estavam comunicando a respeito de Deus e da escolha da liderança da igreja.

Outros conselhos

4. *Esforçai-vos pela paz com todos os homens.* Mesmo o amor aos crentes, nem sempre surge naturalmente para a maioria de nós. É por isso que necessitamos que o Espírito escreva a lei de Deus em nosso coração. Paulo sabia que também nós necessitamos *cooperar* com o Espírito. Assim, escreveu ele: “Esforçai-vos pela paz com todos os homens” (Heb. 12:14). “Procurai estar em paz” (TEV). “Seja esta vossa ambi-

ção” (Phillips). “Fazei todo esforço” (NIV).

Se precisamos esforçar-nos para estar em paz com todos, quanto mais não deveríamos fazer uma tentativa com os domésticos da fé? “Rogo-vos, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que faleis todos a mesma coisa, e que não haja entre vós divisões; antes sejais inteiramente unidos, na mesma disposição mental e no mesmo parecer” (I Cor. 1:10).

“Pela graça que me foi dada”, aconselhou Paulo, “digo a cada um dentre vós que não pense de si mesmo, além do que convém” (Rom. 12:3). “Amiai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros” (v. 10). “Devotai-vos uns aos outros” (NIV). “Amiai-vos ardentemente uns aos outros como irmãos em Cristo, e sede ávidos por mostrar respeito uns para com os outros” (TEV). “Permiti que a outra pessoa tenha o crédito” (Phillips).

Escreveu a mensageira para o tempo do fim, ao povo remanescente: “Cultivai o amor, erradicai a suspeita, a inveja, o ciúme e o pensar e falar mal. Uni-vos; trabalhai como um só homem. Estai em paz entre vós mesmos”.⁴

“Uma vez após outra, o anjo me disse: ‘Uni-vos, uni-vos, sede de um mesmo pensamento e do mesmo parecer’.”⁵

“Oh! quantas vezes, quando me tem parecido estar na presença de Deus e dos santos anjos, tenho ouvido a voz do anjo dizendo: ‘Uni-vos, uni-vos, uni-vos!’.”⁶

“Se possível, quanto estiver em vós, vivei em paz com todos.” “Esforçai-vos pela paz com todos os homens.”

5. *“Obedecei por causa da consciência.”* Os cristãos mais zelosos costumam citar Atos 5:29: “Antes importa obedecer a Deus do que aos homens”. Às vezes nos é necessário desobedecer à autoridade legal. É importante, porém, lembrar que parte de nossa obediência a Deus é obediência à administração. Se a consciência de uma pessoa a leva a pensar que deveria desobedecer à autoridade humana, por cau-

sa de Atos 5:29, deve ela lembrar-se de que a Bíblia também possui Romanos 13:5: “É necessário que lhe estejais sujeitos... por dever de consciência”.

“Todo homem se submeta às autoridades constituídas, pois não há autoridade que não venha de Deus, e as que existem foram estabelecidas por Deus. De modo que aquele que se revolta contra a autoridade, opõe-se à ordem estabelecida por Deus. E os que se opõem atrairão sobre si a condenação... Por isso é necessário submeter-se não somente por temor do castigo, mas também por dever de consciência” (Rom. 13:1-5, BJ).

Em I Timóteo 2:1 e 2, Paulo dá a mais elevada prioridade à lealdade para com a liderança humana. “Antes de tudo, pois, exorto que se use a prática de súplicas, orações, intercessões, ações de graça, em favor de todos os homens, em favor dos reis e de todos os que se acham investidos de autoridade.”

Os membros de um grupo que amam uns aos outros, não desprezarão seus líderes. Na provação, eles orarão em favor do seu sucesso; no fracasso, por seu perdão; na crise, por sua orientação; no erro, por sua iluminação. Mas depreciá-los em público? Jamais! Nem por um momento devem eles agredi-los com invectivas. Com a lei do amor escrita pelo Espírito na sede de suas emoções e atitudes, como poderiam fazê-lo?

Uma coisa é discordar; outra, desrespeitar. Jesus não concordava com algumas práticas da administração da igreja em Seus dias. Quando, porém, discordava, mostrava respeito. Escrevia-lhes os pecados na areia. E não recusava voluntariamente a ninguém — pois “veio buscar e salvar o perdido” (Luc. 19:10).

Mas não é verdade que em outra ocasião Jesus mencionou publicamente os pecados dos líderes e os chamou de “hipócritas”, “serpentes” e “raças de víboras”? (ver Mateus 23:29 e 33). Isto nos leva ainda a outro ponto vital.

6. “Poderíeis dar a vida para salvá-

lo?” Certa vez Ellen White perguntou a um professo membro do povo de Deus: “Achais, quando um irmão erra, que poderíeis dar a vida para salvá-lo? *Se achais que sim*, podeis aproximá-los dele e comover-lhe o coração; sois precisamente a pessoa indicada para visitar aquele irmão.”⁷

Ocasões há que nos obrigam a discordar e mesmo nos afastar. Romanos 16:17, especialmente, manda-nos que anotemos “bem aqueles que provocam divisões e escândalos, em desacordo com a doutrina que aprendestes; afastai-vos deles”. Paulo continua a desmascarar-lhes a hipocrisia como Jesus desmascarou a dos fariseus. A respeito dos promotores de dissensões, diz ele: “... não servem a Cristo nosso Senhor, e, sim, a seu próprio ventre; e, com suas palavras e lisonjas enganam os corações dos incautos” (verso 18).

Certa ocasião, Paulo repreendeu publicamente a Pedro por um descuido momentâneo de um regulamento bastante divulgado da igreja. Não encontramos, porém, da parte de Paulo, nenhum comentário que procure minar-lhe a influência. No mesmo contexto onde lemos sobre a repreensão de Paulo, o apóstolo nos diz que Deus separou tanto a Pedro como a ele próprio para uma função mais elevada no evangelismo missionário (Gál. 2:7). Por certo, Paulo sabia que Pedro aceitaria varonilmente a repreensão, assim como ele aceitara anos antes as censuras de Cristo.

Se alguém tentou diminuir a autoridade de outrem naqueles dias, foram alguns dos líderes cristãos de Jerusalém. À medida que os anos passavam, esses líderes se tornavam imponderadamente mais invejosos do grande êxito de Paulo. Em todo o seu ministério, Paulo buscou a Deus, pedindo-Lhe orientação direta. Ao mesmo tempo, contudo, “tinha sido muito cuidadoso em trabalhar de acordo com as decisões do concílio geral de Jerusalém; e, como resultado, as igrejas ‘eram confirmadas na fé, e cada dia cresciam em número’”.⁸

Em sua última viagem de que se tem notícia, para Jerusalém, “não obstante a falta de simpatia mostrada por alguns, encontrava conforto na tranqüila consciência de que havia cumprido seu dever ao encorajar em seus conversos um espírito de lealdade, generosidade e amor fraternal, como se revelou nessa ocasião nas contribuições liberais que lhe foi possível colocar diante dos anciãos judeus”.⁹

Sabemos que Paulo demonstrou sua lealdade para com a liderança central de seus dias, ao colaborar com sua sugestão de voto no templo e passar assim os vários anos seguintes na prisão. Contudo, não há nenhum registro de que ele condescendesse uma vez sequer quanto aos irmãos da liderança tirarem proveito dele.

E quanto a Jesus? “Jesus não suprimia da verdade uma palavra que fosse, mas sempre a proferia com amor. Em Seu convívio com o povo exercia o maior tato, dispensando-lhe atenta e bondosa consideração. Não era nunca rude; jamais pronunciava desnecessariamente uma palavra severa; nunca motivava dores desnecessária a uma alma sensível. ... Denunciava a hipocrisia, a incredulidade e a injustiça; mas o pranto transparecia em Sua voz quando proferia Suas fulminantes repressões.”¹⁰

Cristo apontava os pecados dos líderes religiosos do Seu tempo com a voz de amor de um coração quebrantado. Dirigia-Se a eles como um homem que dentro de três dias *morreria* numa cruz *em seu favor*. “Achais, quando um irmão erra, que sois capaz de dar a vida para salvá-lo? Em caso positivo, podeis aproximar-vos dele e tocar-lhe o coração; sois exatamente a pessoa que deve visitar esse irmão.”

7. “*Afastai-vos, peço-vos, das tendas desses homens ímpios.*” Dissemos, no início, que Coré, Datã e Abirão se consideravam como nobres maiores do povo.

Moisés, porém, os chamou de “homens ímpios”; e eles, de fato, o eram;

pois nenhuma daquelas pessoas de maneira alguma era “santa”. Antes, eram instadas a ser santas (Êxo. 22:31). Ao citarem o Egito como uma terra de leite e mel, habilmente distraíam a atenção daqueles fabricantes de tijolos da nação. Dizerem que Moisés efetuava sozinho o Êxodo era pura blasfêmia.

Moisés lembrou mais tarde àqueles ingratos, que foi Deus quem os tirou do Egito, com grande mão e poderosos sinais. A resposta de Moisés foi supernaturalista e triunfalista; mas, não obstante, era a verdade (ver Deut. 20:3 e 16; 21:5).

Coré, Datã e Abirão negaram a autoridade de Deus, exercida através da liderança humana por Ele designada, e declararam que qualquer leigo poderia guiar tão bem quanto Moisés. Ao assim fazerem, indicavam ao povo uma administração de natureza humana, do tipo que sempre falhou.

O novo concerto de Deus prefigurava um povo que Ele havia guiado e transformado; um povo mediante o qual havia Ele trazido honra ao Seu nome; um povo cujos membros deviam pôr de lado o seu orgulho pessoal e ter em alta estima uns aos outros.

Coré, Datã e Abirão, é triste dizê-lo, ainda agitam seus incensários na congregação do Senhor. E as palavras de Moisés ainda soam: “Afastai-vos, peço-vos, das tendas destes homens ímpios, e não toqueis nada do que é seu, para que não sejais consumidos em seus pecados.”

É alentador ler que em alguma ocasião o apelo de Moisés surtiu algum efeito. “Os filhos de Coré não morreram.”

1. Albert George Butler, *The Interpreter's Bible*, vol. 2, págs. 221 e 222.
2. Ellen G. White, *Testimonies for the Church*, vol. 6, pág. 365.
3. *Testimonies*, vol. 1, pág. 207.
4. *Sons and Daughters of God*, pág. 295.
5. *Evangelismo*, pág. 102.
6. *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, pág. 374.
7. *Testimonies*, vol. 1, pág. 166.
8. *Atos dos Apóstolos*, pág. 402.
9. *Ibidem*.
10. *Caminho Para Cristo*, pág. 12.